


2001

JUNG – A MAGIA DOS GRANDES
VIAJANTES-TEORIA ECONÔMICA
DA PERMANÊNCIA – KLERCIOS –
ESTUDO ANALÍTICO DA VIAGEM

ano 1
n: 1
cr\$4,00

A photograph of a person from behind, carrying a large, heavy bundle on their back. They are walking on a paved road. The scene is bathed in a warm, orange-red light, suggesting a sunset or sunrise. The person's shadow is cast long and dark on the ground. The overall mood is one of journey and labor.

A VIAGEM

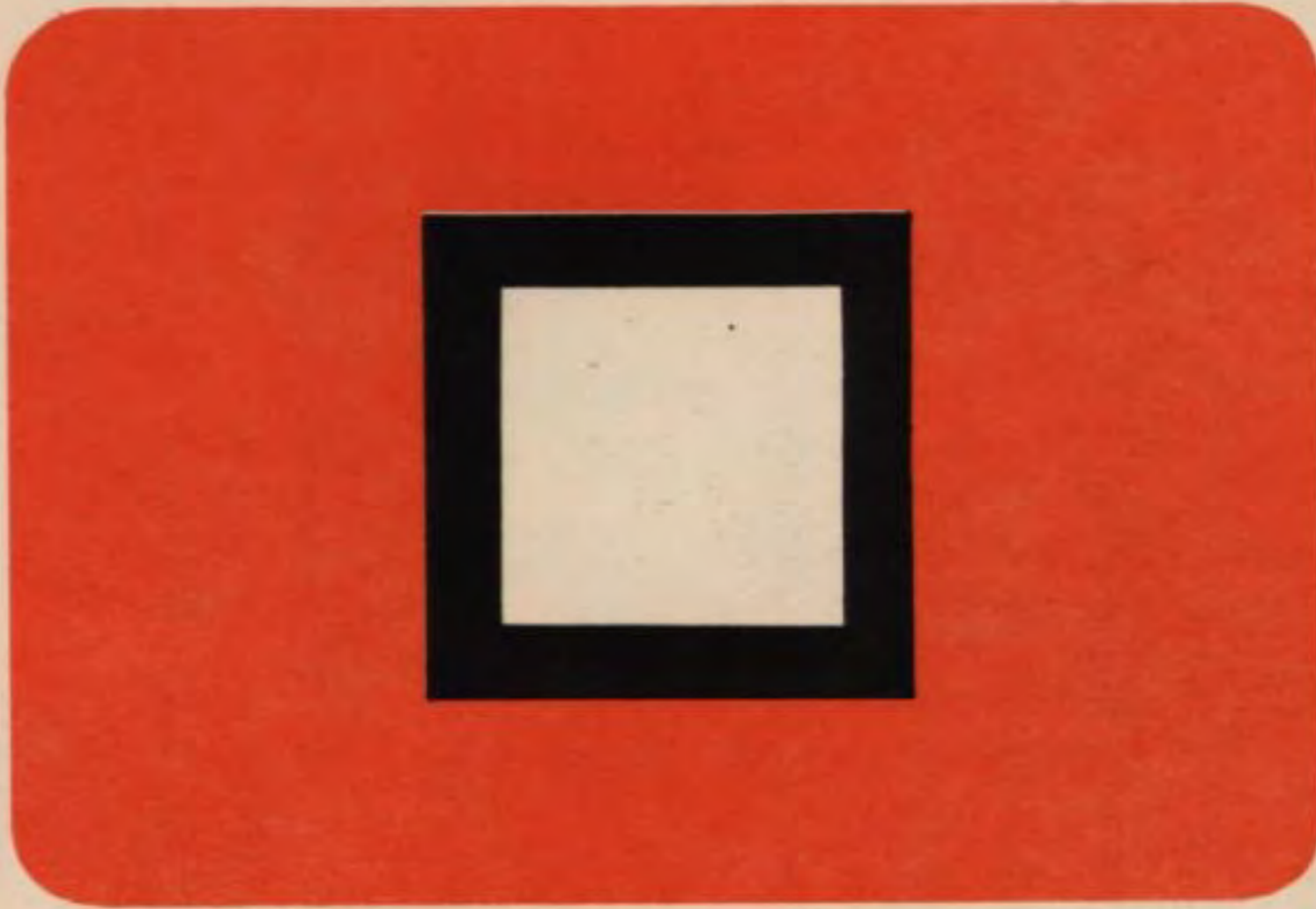
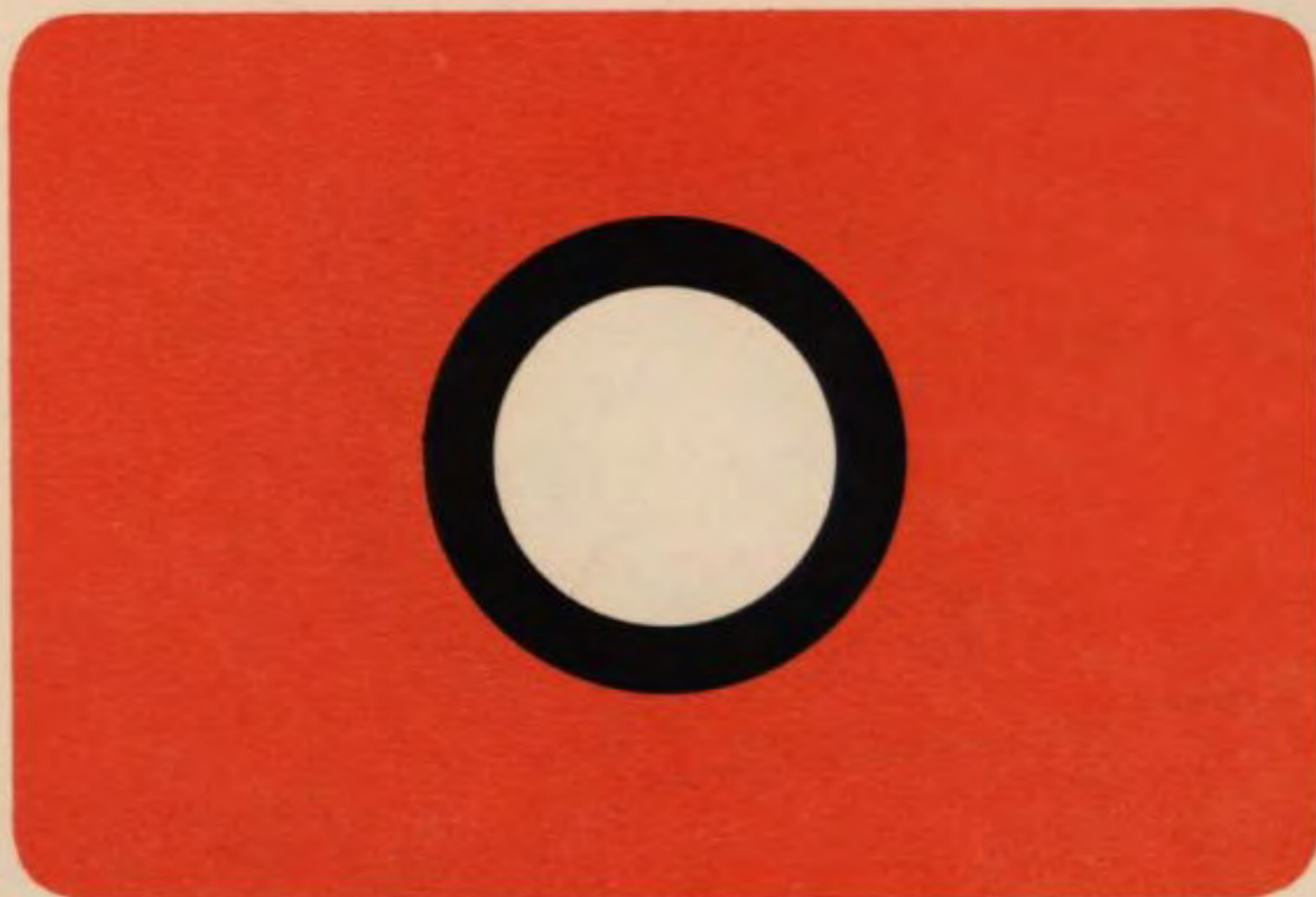
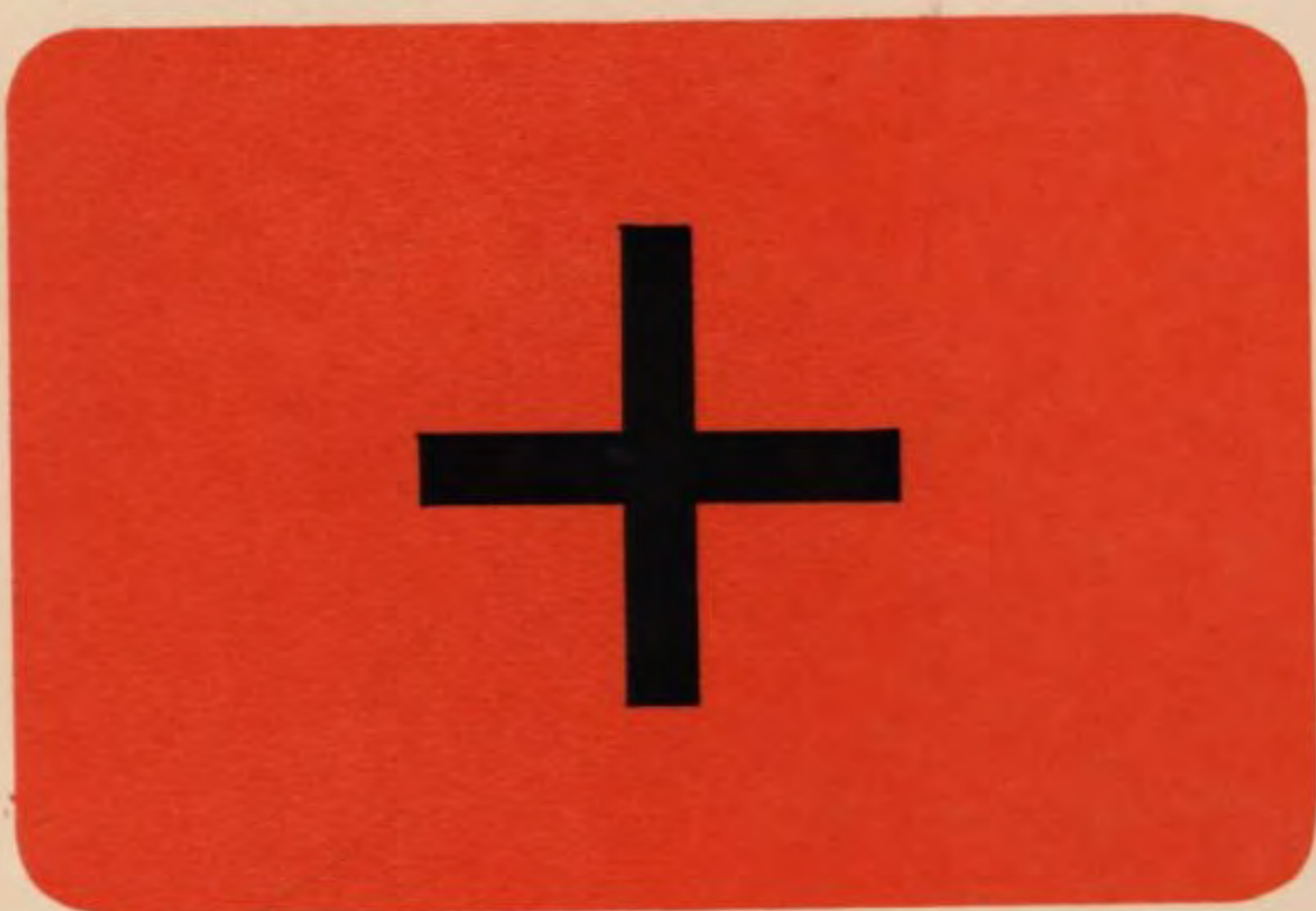
Quantas conversas você
já perdeu por não
sacar telepatia?
Quantas transas, quantas
coisa e tal você já
deixou passar por não
captar o momento certo?
Por outro lado, muitas
vêzes você também já
deve ter sentido fluídos
telepáticos, mas preferiu
não acreditar, atribuindo
tudo ao acaso.
Agora, com êste baralho,
você poderá determinar,
cientificamente, o seu
potencial telepático



conseguindo estar, ao mesmo
tempo, na sua e na dela
(ou na dêle). Composto
por 25 cartas, o baralho
de telepatia foi encucado
e testado durante muito
tempo, até que seu resultado
pudesse ser divulgado.
Simplícimo em sua
estrutura, êle tem sido
utilizado em todo o mundo
pelos pesquisadores do
assunto.

Pedidos pelo reembolso - C.P. 15065
Preço com manual
de instruções: Cr\$ 10,00

VOCÊ É UM TELEPATA E NÃO SABE



2001

Editor Responsável
Paulo Coelho

Editores
Adalgisa Rios
Aristides Albuquerque

Diretor Administrativo
Carlos Hamilton Rocha

Produção
Eduardo Prado

Fotografia
Claudio Fortuna

Colaboraram neste número:

**Otto Kragler, Paulo Gimenez,
Valdo Felinto, Zé Luco,
Marcos Maciel, Silvia Santos,
Geraldo Weiss, José Antonio
Domingues, Elvira Vigna,
Cao, Ligia Piranda,**



2001 é publicada mensalmente pela POSTER GRAPH EDITORA Ltda. Redação e publicidade: Rua Álvaro Alvim 33/37, grupo 1013 — Rio de Janeiro — Tel.: 232-8637 Caixa Postal: 15.065 — Redator Responsável: Paulo Coelho. Os originais não solicitados, submetidos à redação de 2001, não serão devolvidos. É proibida a reprodução total ou parcial de textos e fotografias, sem permissão por escrito dos editores. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos colaboradores. Preço do número avulso: Cr\$ 4,00.

Distribuição: Alfredo Tedeschini
Distribuidora de Revistas Ltda.
Rua do Senado 320 A Tel. 2326153
— Rio de Janeiro, e Dijorec
Comercial de Distribuidora de Jornais
e Revistas Ltda. Av. Casper Líbero,
116 e 126 Tel. 2364456 — São Paulo.
Impresso pela Gráfica Editora Vozes.

SUMÁRIO

Prefácio e Saudação pg 4
A Viagem

estudo sêco, analítico e discutível
de porque se viaja pg 12
Jung, pleroma e sermões pg 16
a magia dos grandes viajantes pg 21
você pode, você deve pg 30
as pessoas não transavam com
o mar pg 34
as 3 dimensões de uma
viagem pg 39

Teoria econômica da permanência pg 41
A Palavra pg 46
Conto pg 48
Zé Luco pg 50



PREFÁCIO & SAUDAÇÃO

1ª Lamentação

Misericórdia de nós. Nós pertencemos ao inferno, submetidos a toda sorte de martírios honestos. Somos as gentes da Cidade (a Cidade imensa) cujo odor nós suportamos por religião. Somos, querendo ou não, por bem ou por mal, em qualquer situação ou profissão ou posição, peças da Máquina, este colosso sólido, feito de aço e concreto, papel e pano, pólvora e cobre. É uma engrenagem polida, precisa, condenada a nos compreender em seus maquinismos geniais, produzidos através dos séculos, cada vez mais polidos, e mais precisa e regular, condenada a fazer somente coisas boas e a só dizer verdades, para que se obtenha um mundo inteiramente bom, sem tristeza, sem alegria e sem maravilhas.

Nós nos regozijamos de pertencer à Máquina, nós louvamos e reverenciamos a Máquina, sempre de pé, cada vez mais perfeita. Nós nos surpreendemos ante os propósitos Dela, cada vez mais edificantes, mais gentis, mais formosos. Nós nos rejubilamos em poder servi-la, queremos dar-lhe o melhor de nós, a água de nosso corpo, acrescentar-lhe nossos filhos, nesse sacrifício sublime de alijmentar e alegrar os sutis mecanismos, nossa felicidade é a felicidade Dela, nós estaremos sempre em Seus movimentos, e é enorme nossa satisfação sob Seu jugo!

Nós gritamos, numa gargalhada sensacional de respeito infinito, que Ela é nosso meio e nosso fim, Ela é nossa vida e nossos sonhos, Ela é nossa mulher e nossa janela, ela é todo o amor e toda a paz que queremos. É grande, imensa nossa satisfação, em ter nascido Nela, em ter sido criados por Ela, educados por Ela, e como prova de gratidão pelos seus inefáveis benefícios, trabalhamos e morreremos nela, sob seus auspícios de mãe dedicada. Nós proclamamos humildemente nossa dívida para com a Máquina, e declaramos para que todos ouçam, que nos consumiremos em pagá-la, para que tudo corra bem com a Máquina! Quem estiver capaz de entender, entenda o que é a Máquina; quem estiver entendendo, ame-a. Não há palavras para descreve-la, nem ódio suficiente para amá-La, nem alegria que chegue para chorá-La. Nós regozijamos de pertencer à Máquina, e é grande nosso horror sob seus cuidados!



1ª Exaltação

A nós todos os troféus. Nós que ouvimos tantas verdades, nos que somos forçados a erguer tantas maravilhas. Um galardão de glória e um hino de louvor aos habitantes desta festa de amor que é a Cidade. Um cântico suave a todos nós que acalentamos com carinho essa sinceridade mansa e tolerável, essa hipocrisia sublime, a nossa sagrada capacidade de abençoar. Somos todos nós bons cidadãos, sem dúvida, nós que encobrimos com tanta simpatia, nossa bondade querida, nossa ambição doce, nossa escrupulosidade, e esse irrepreensível poder de não amar.

Nós cultivaremos em nossos filhos todas estas singulares e notáveis qualidades, para que se perpetue a paz, toda a paz que venturosamente respiramos, em nossas poltronas serenas, em que vemos e ouvimos nossas verdades reiteradamente, harmônicamente. Somos o poder e a vitória, somos os heróis legendários de uma época de luz, e com que presença de espírito suportamos nossa luz. Com que desenvoltura, nós, os heróis, suportamos o canalha e somos canalhas. Como é admirável nosso estoicismo, em proceder tão limpamente, tão honestamente. Somos todos almas sem mancha, e mentimos com desembaraço, e somos persuasivamente benévolos.

Como é bom viver aqui, e enfrentar nossos semelhantes olhando de lado, e teme-los, e tornar-se perigosos para eles. É grande a alegria de ser temido, e doce desenvolverla. Nós contribuiremos para a forja da verdade, até que as fontes da verdade se transformem numa poderosa, e inundaremos o mundo de verdades, cada vez mais verdades, até que a verdade se torne um grito só, audível em todos os lugares, porque, como é possível continuar construindo verdades, se a cada dia que passa a verdade se torna mais clara, mais compreensível, mais evidente, e para que construí-la, se ela já começa a aparecer por seus próprios meios, brotando como água de dentro das próprias usinas de verdade. Nós somos os heróis, e não há palavras para descrever a grandeza de nossa desgraça, nem música para homenagear nossa alegria. Nós somos os gigantes, que sentimos bem estar na degradação de quem amamos, que somos bons e abençoamos, que construímos verdades e ainda assim temos esperança.



1ª Resolução

Adormecei em vossas palpebras, este é o poder interior de quem esta fatigado. Chorai em vossas lágrimas: e a energia cósmica de quem está sofrendo.

Eu reconstruirei dentro de mim meu próprio corpo, com meus braços e minhas mãos. Eu abrirei meu coração ao sol, e cantarei de novo como as crianças cantam. Eu chorarei quando sentir dor, e vou rir quando estiver alegre. Eu mentirei contra eu mesmo, e começarei a construir mentiras.

Eu sintetizarei mentiras contra mim até confiar novamente em meus irmãos, e continuaremos mentindo até que a mentira brote como água das soleiras das portas, e dos sapatos, e inunde as ruas, e todos vejam a mentira inundando as ruas. Eu vou tecer mentiras contra eu mesmo, até que todos acreditem em mim, até que todos me digam o que eu sou de fato, e sei que sou, e direi a todos o que são de fato, e sabem que são. E a mentira então estará à vista de todos, e ninguém terá vergonha ao ver o que é de fato, porque é bom, e haverá paz. Então haverá certeza, e será possível sorrir para qualquer pessoa sem receios. E então até eu acreditarei em mim.

Eu abrirei meu coração ao sol e cantarei de novo como as crianças cantam. Até não ser preciso falar para se saber quem é. Eu reduzirei as palavras a seu verdadeiro lugar, porque mentiras e verdades são só palavras, e só elas permitem espalhar mentiras, e como é triste se alguém acredita nas mentiras que eu faço.

Todos sabem a verdade mas se deixam persuadir pela mentira. Quem, ao ver uma pessoa pela primeira vez, não sabe exatamente quem ela é? Mas as pessoas em se guida se vestem de mentiras, para não serem reconhecidas: esta é uma utilidade da mentira. São mais valiosas as mentiras, quanto mais absurdas forem e mais persuasivamente forem contadas e espalhadas. Mas até que ponto pode uma mentira resistir aos fatos? E que grande desmoralização para a mentira, se ela é absurda e persuasivamente contada e espalhada, e depois se mostra uma mentira. As pessoas se vestem de mentiras, mas quem ignora que todos são, afinal, gente nua?

2ª Lamentação

Todos os exércitos do mundo estão preparados para a grande derrota. Todas as esquadras do mundo estão prontas para irem a pique. Todos os aviões do mundo estão armados para serem abatidos. Já está tudo arranjado.

Esta é a nossa civilização muito grande e muito bonita, toda de metal e papel. Que coisa grandiosa nós construímos! Vejam como é poderoso o motor, como é possível falar e transmitir imagem à distância. Ai está a nossa técnica, para nosso orgulho e para a admiração da humanidade futura. Nosso legado é fantástico. Nunca na história ninguém esteve tão perto de Deus como nós estamos agora, que conhecemos o universo até cinco bilhões de anos luz daqui. Ai está o trem, o Raios X, a bomba, a vacina, o transistor, o polivinil, o computador. Não é possível que alguém contemple todo este prodígio e não se admire de nós. Olhem as sardinhas enlatadas, o supermercado, o correio, o sinal de tráfego, a faixa de pedestres, o cais cheio de guindastes, o concreto armado, o jornalista.

E vejam tudo o que ainda vamos fazer com nossa cultura e nossa ciência. Ai está nossa criação, o ADN, o nucleon, a estrutura do cérebro, a intervenção cirúrgica, o transplante, a velocidade, a nossa força ilimitada e esta confiança no porvir. Quando foi possível atravessar o oceano em oito horas, ou ver a Terra da Lua?

Esta é nossa civilização muito grande e muito bonita, nesse salto no cosmo, nossas faculdades superiores em ação, a glorificação da raça, o controle exercido sobre os animais e plantas, o domínio sobre a crosta da terra e os vulcões, a capacidade de acender e apagar o sol, os planetas de alumínio e berilo que fazemos. Nós reinventamos o milho, reconstruímos sapos e galinhas, e montamos novas laranjas.

E ai está o Novo Homem, o homem vitorioso, a imagem viva da felicidade, cheio de parafusos e soldagens, o novo ser, vibrantes de alegria, cheio de bolsos e papel e plásticos, e números e nomes e datas, mais feliz do que jamais fora, porque agora domina algumas pedras, e pode fundir tudo o que quiser, e erguer do chão coisas pesadíssimas, e construir casas sem tamanho. Esta é a nossa civilização muito grande e muito bonita, construída com tudo o que tínhamos de humano em nós. Este é o monstruoso monumento ao nosso sacrifício.



2ª Exaltação

Abram seus olhos. A ironia acordou e habita todas as coisas.

As crianças já se levantaram, e estão andando pelas ruas, entrando e saindo dos bancos, contemplando os fios dos postes, e os pneumáticos no chão. A cada dia que passa, cresce o número de crianças no mundo. Mas as crianças estão disfarçadas, e ninguém sabe quem são as crianças, há um grande mistério com respeito às crianças. Em todo caso, sabemos que elas já chegaram, e seu número cresce dia a dia. As crianças se reconhecem entre si, e se entendem sem falar uma palavra. A ninguém, todavia, foi dado o poder de reconhecer as crianças.

O grande poder das crianças está em não oferecer perigo. Elas têm a testa relaxada, seu sobrecenho não pesa, seus olhos muito abertos, e há paz em seus molares e em torno de sua boca para sempre um sorriso leve. As crianças que ai estão, são o cordeiro de Deus. Não há razões para temer as crianças, e é inevitável amá-las, pois quando elas chegam, infundem alegria.

Uma grande vergonha para quem maltrata as crianças, e crê em suas mentiras. Aquele que entender isso, sentirá vergonha e não poderá controlar seu choro, pois também outra criança. Aquele que entender que alguém é uma criança, tornou-se também uma criança, e não é possível mais traí-las. E quando alguém vê que é uma criança, terá entendido tudo, e acrescentado mais um homem à população da cidade. Somente os que não são crianças creem em mentiras.

Abram seus olhos. Pois quando perceberem o que é uma criança, todos terão pavor. Justamente por não inspirar nenhum receio, as crianças causa medos atrozes, e os que não são crianças serão atormentados por um grande medo de si próprio. É aterrorizante a visão de si próprio, quando não se é um menino.

Ai daquele que não acreditar quando um menino diz uma verdade. Uma grande glória para quem ama as crianças e crê em suas verdades. Uma grande paz se avizinha. É preciso estar pronto para ela. Quem estiver pronto para a Paz, já é uma criança.

2ª Resolução

Eu estou pronto a fazer uma Maravilha. Em meu corpo não há mais sábados, nem ocorrem nele centímetros. Eu acendi em minha cabeça uma chama santa de loucura, e só as crianças de coração puro podem entender quem tem a chama santa da loucura.

Eu me sentarei na areia, à beira da praia, e chorarei e riarei sozinho, e conversarei comigo mesmo em voz alta, porque já me conheço e sou um bom amigo meu. E que grandes papos eu levarei comigo, que boa conversa será a que eu vou ter, eu que não minto para eu mesmo. E muito bom conversar consigo sem mentir, e com quem mais conversar sem ouvir e dizer mentiras?

Foi armada uma cilada infernal. Quem caiu já estava preso; quem escapou já estava livre.



Saudação

Meu irmão, ai está a água, e como é bonita a água, e como a água é boa.

Editora Bonde/MEC

A BREVE HISTÓRIA

DE

ASDRUBAL,

TERRÍVEL

Elvira Vigna

A BREVE HISTORIA DE ASDRUBAL, O TERRÍVEL é o início de uma série de livros de humor para crianças. Com este lançamento, a Editora Bonde acredita estar contribuindo para a melhoria do mercado brasileiro de literatura infantil, que se encontra saturado de autores estrangeiros, cujas edições se arastam pelas livrarias há mais ou menos meio século.

EM TODAS AS LIVRARIAS

OU
ELO REEMBÔLSO
C P 14 667 RIO



EDITORA
BONDE

Livro infantil da psicanalista FER-
NANDA LOPES DE ALMEIDA - prê-
mio Jaboti de Literatura de 1971.
Todo ilustrado a côres. 64 páginas.
Formato de álbum. Cr\$ 10,00.

"Sem refletir,
Alice entrou na toca
atrás do coelho, sem pensar
que talvez fosse difícil sair de lá.
A toca percorria um bom trecho
em linha reta,
como se fosse um túnel
e de súbito, afundava tão
bruscamente que Alice
nem teve tempo de estacar,
e acabou caindo num
poço muito profundo".

LEWIS CARROL
(Alice no País das Maravilhas)

A VIAGEM

A VIAGEM (estudo fenomenológico)

Viagem é o caminho percorrido de um lugar para outro lugar distante (Littré). É preciso sublinhar a palavra "para".

Viagem é uma conduta internacional. O fim a ser atingido é o principal; o meio não importa e só interessa na medida em que permite atingir o fim. A viagem é uma passagem, e é o destino que importa.

O tempo é necessário a esse deslocamento no espaço, está subordinado e é proporcional ao deslocamento. Assim tentamos reduzi-lo para que a permanência no ponto de partida ou no ponto de chegada seja a mais longa possível. A história das viagens é a história dessa redução, que pode ser:

- pela aceleração do meio de transporte (ex. o trem elétrico)
- pela escolha de um itinerário mais direto (ex. passagem sob o polo)
- pela criação de bases que tornam inúteis certos deslocamentos (ex. criação de sucursais, anexos, agências, correspondentes) e a transformação de deslocamentos das pessoas em transmissão de conhecimentos.



estudo sêco analítico e discutível de porque se viaja

No entanto a distância nunca é inteiramente abolida. Só poderia sê-lo por um espírito puro. O indivíduo não mais parece estar onde está o seu corpo, mas sim no lugar onde está a pessoa amada. Num grau superior, o dom de ubiquidade suprime a necessidade da viagem. Santo Antonio de Padua esteve ao mesmo tempo na sua cidade de adoção, Padua, e na sua cidade natal, Lisboa, ocupado em defender seu pai injustamente acusado. Portanto nós podemos conceber uma categoria de seres não submetidos às leis do espaço e do tempo. Segundo São Tomas de Aquino, um anjo pode abandonar um lugar para estar completamente em outro lugar sem que tenha passagem.

Viajar então é um ato intencional cuja característica é se negar enquanto substancia. Como o fogo consumindo a madeira acaba por extinguir-se, como o raciocínio discursivo perde o sentido diante da intuição, assim a viagem tem por origem a por fim a sua anulação. Sua realização resulta na sua morte.

No entanto existe resistência ao sacrifício que constitui a transição na Viagem: continuamente o Por Ali cede lugar ao Por Aqui. A transitoriedade cede lugar ao desejo de permanência, e amor ao efêmero à nostalgia do eterno. O viajante da Transiberiana ou da longa distância se instala. Ele não viaja mais. É o paradoxo da Viagem: um aspecto Vir a Ser considerado e desejado como Ser e só existindo pela suposição de Ser em se transformar no "estando" por si mesmo. Um viajante comercial tem seus hábitos. Ele quer sempre usar o mesmo quarto no mesmo hotel, a mesma mesa no mesmo restaurante. Assim um nômade torna-se sedentário sem saber ou querer. Viaja-se para não viajar.

Esta característica intencional faz com que uma viagem seja mais que um deslocamento. Uma valise não viaja, não obstante seja feita para isso. Em que medida um animal viaja? Na medida em que ele tem uma finalidade precisa. Um papagaio numa gaiola apenas se desloca junto com seu dono. Uma ave de arribação viaja.

ANALÍTICA DA VIAGEM

Os meios da viagem só oferecem um interesse superficial. São técnicas.

Inicialmente o modo é animal: a pé, a cavalo. Depois vem a roda com a procura de rapidez e conforto. Depois a mecânica, com a utilização do vapor, da eletricidade, do petróleo. Mas do ponto de vista psicológico não houve nenhuma metamorfose. A intenção continua a mesma, seja a pé ou em foguete interplanetário.

Os fins da viagem são diferentes. Pode-se classificá-los segundo os instintos ou sentimentos postos em jogo, sendo mais ou menos voluntários.

19) Viagem por necessidade

os sedentários, por trabalharem longe de suas residências; os nômades, pela necessidade de procurar alimento. O nomadismo pode ser amado por ele mesmo. A missão diplomática pode corresponder a uma necessidade vital ou a uma necessidade de prestígio, uma não excluindo a outra.

29) Viagem por frustração

a deportação constitui uma viagem forçada. Ela caracteriza uma civilização sádica, ditatorial: Sibéria, campos de concentração, etc. Ela inspirou uma literatura vingativa. Ela é o inverso da peregrinação. O exílio forçado é também, mas por vezes escolhido pois ainda se

prefere a vida à morte, e se pode mesmo adiantar um exílio para maior segurança, e sempre se espera voltar.

A emigração é mais voluntária: prefere-se o afastamento à miséria, e formam-se colônias com patrícios, fundam-se novas cidades, cria-se uma cozinha nostálgica, uma música nostálgica.

39) Viagem por agressão

A viagem comercial, desde a viagem de negócios ao tráfico internacional. O comércio se caracteriza pelo controle sobre as coisas e pessoas: ex. o tráfico de negros e brancos. Ele se exerce pela concorrência, palavra que implica numa contestação.



A conquista pela diplomacia, ou pelo exército. Ela pode primeiro ser involuntária e se apresentar como defesa, e depois transformar-se em ataque. Hoje só a defesa é considerada como intencional (por parte de quem fala) e o ataque (por parte de quem se fala). De qualquer maneira há movimento.

A propaganda que toma forma de um comércio de idéias (conferências, informação) ou de uma expansão de uma idéia (propagação), pode tomar o aspecto de apostolado, de missão.

49) Viagem por curiosidade

A exploração, quando é feita a título científico é uma curiosidade do espírito, mas pode ser associada a fins militares, religiosos ou comerciais. A descoberta da América, por exemplo.

A aventura, que não é metódica como a exploração.

A diversão, desde a viagem em redor do mundo até o passeio nas ruas do subúrbio. Raramente a distração é pura. As pessoas procuram reunir o útil ao agradável.

Certas viagens feitas por curiosidade e fraqueza terminam nu-

ma apoteose de energia (Robinson Crusoe); outras, inspiradas pela vontade de realizar um ideal acabam em fracasso não totalmente desprovido de grandeza na sua falta de curiosidade (Don Quixote).

59) Viagem pela manipulação do tempo

Primeiramente, a viagem pela aceitação de um curso da história diferente daquele que se divulga. Renouvier compôs uma história chamada Ucronia, onde supõe que o Império Romano, não tendo sucumbido aos bárbaros e ao cristianismo, veio até nós seguindo um desenvolvimento regular. A Ucronia é no tempo o que a utopia é no espaço.

Depois, a viagem de transporte ao futuro. Por exemplo. Rip van Winkle, no conto de W. Irving, ao despertar não reconhece nada pois dormiu um século e tudo mudou; mas a Bela Adormecida acorda e encontra tudo como deixara.

Qual o ponto de referência nas viagens do tempo? O viajante ou o ambiente?

Onde classificar a viagem de Alice, que se faz através de um espelho?

69) Viagem por sublimação

Toda iniciação é um prelúdio a uma viagem ascendente. Tal é a viagem em uso no shamanismo. Em várias sociedades (rosacruz, maçonaria) chama-se viagem a passagem de um grau a outro. Aí o percurso dá lugar à preparação.

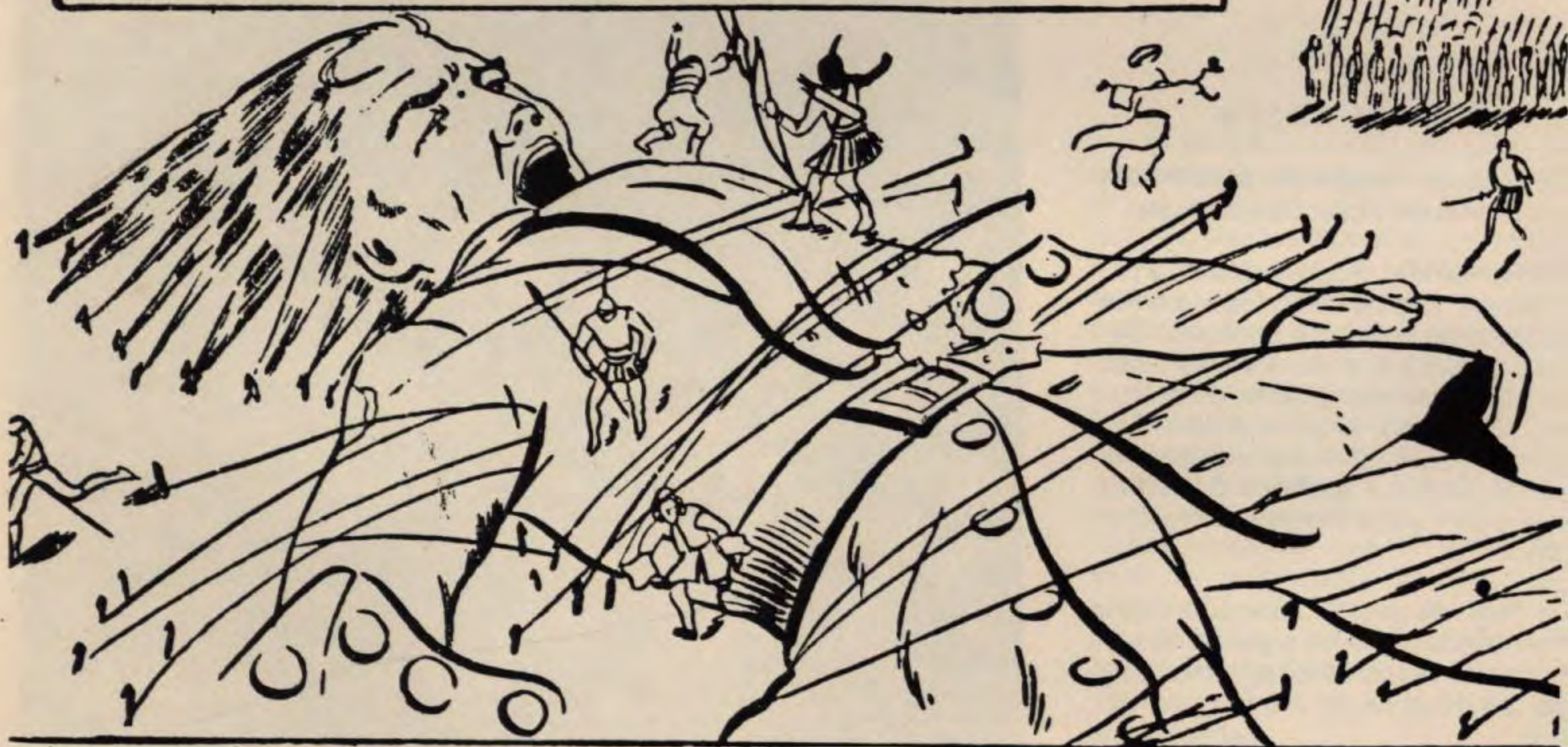
A teologia mística usa também ela os seus graus: há 3 caminhos que se sucedem numa ordem ascendente (via purgativa, via iluminativa e via unitiva), mas cada místico enumera as etapas particulares que seguiu, os abrigos em que parou, os degraus, o que torna sua experiência mais fácil de assimilar e mais autêntica.

Não há sublimação sem ascetismo, e ascetismo compreende provações morais e físicas. O Tour de France é a montagem laica do Calvário. A cada uma de suas cotações as mulheres santas enxugam o suor que escorre da cara do campeão.

Não há grande obra sem topografia espiritual: e a mudança de lugar é também uma mudança de forma para o viajante, uma metamorfose.

A peregrinação é a volta a um ponto de partida que se tornou

**POR UM MOMENTO FICA ASSOMBRADO, DEPOIS GRITA...
E ATERRORIZADOS OS LILIPUTIANOS DEITAM A CORRER...**



centro de fé. Porque ir a Jerusalém, se Deus é onipresente? disse Massigno. "É que o lugar não comanda a prece, mas convém." E se o peregrino se exila é para achar a sua pátria. Por uma composição de lugar o histórico se insere no eterno.

A viagem então passa a corresponder a uma constelação de fins. E nem poderia ser diferente, pois sua essência é intencional. Pode haver uma viagem pela viagem? A viagem turística está muito próxima da classe de viagem por viajar. Seria o caso de transporte por brincadeira, viagem por prazer, passeio.

O carrossel das crianças é uma viagem circular que se nega, pois não parte nem chega. O passageiro gira em torno de um ponto fixo, e não tem outro objetivo. No cinema também. Analogamente, o leitor de livros de viagem está imóvel no centro das coisas e gentes que giram. Mas há sempre uma direção, um fim.

DIALÉTICA DA VIAGEM

Ora, o Sagrado recobre a viagem. tomemos a viagem em estrada de ferro. A estação é um monumento muito importante construído para

durar. É em-si, ou em-todos-os-casos, um Por Aqui. O bar é um intruso, como uma coisa européia na China. O destino está determinado. O viajante conhece-o e indica. A respeito, lembremos que a alguns anos uma mulher chegou no aeroporto de Orly e pediu uma passagem. "Para onde?" perguntaram. "Isso não importa: eu pago". Foi julgada louca, e presa. Ela havia profanado o caráter sagrado da viagem.

Não há, portanto, a rigor, o direito de viajar por viajar. É obrigatório distarçar a viagem por viajar, com um objetivo qualquer. Esta formalidade é indispensável e testemunha a gravidade do ato e a severidade do controle (que não se contenta com o pagamento da passagem), e por outro lado, o sorriso das comissárias que sublinha, tentando mascarar, a insólita natureza da viagem neste último elemento.

No trem a atitude dos passageiros mostra a importância da situação. O homem da 1ª classe se distancia pela gravidade e o picnic na 2ª classe atenua o caminho a seguir.

O Profano sucede ao Sagrado. As estações se tornam mais acessíveis, o bar é substituído pelo vagão restaurante. O hotel perde sua imponência, perto de um camping. O uso cada vez mais frequente do au-

tomóvel que lhe leva de sua porta a outra sem quaisquer obrigações de itinerário deu um tapa de banalidade na viagem, cuja dignidade já estava abatida pela supressão de senhas, facilidades aduaneiras, etc.

A viagem perde assim seu caráter sacral, ou melhor, sagrado (sagrado o que é tornado sagrado sem se-lo primeiramente, e sacral o que é sagrado em si).

Felizmente a dignidade perdida na técnica de transporte, é recuperada nas formalidades de embarque e desembarque. A topografia não é mais obstáculo, torna-se obstáculo e motivo de atraso e emoções, as formalidades nos consulados e a revista nas estradas. A viagem recupera o patético.

O marasmo que ameaçava o viajante dá lugar ao medo, medo salutar que reanima o fervor. Podemos então entender os grandes itinerários póstumos traçados pelo Livro dos Mortos (cujo nome original é Viagem para a Luz — o nome Livro dos Mortos resulta apenas de uma interpretação equivocada — N.R.), pelo Bardo Thodol, que marcam cerimoniais e rituais a observar, pronunciavam proibições e formulam ordens.

O sagrado vai ao Além, completa a volta e retorna à Viagem, com sua intensa carga de fatalidade.





SERMO

AOS MORTOS



JUNG

PLEROMA

Os mortos voltaram de Jerusalém, onde não encontraram aquilo que procuravam. Pediram que os deixasse entrar e imploraram a minha palavra, e assim eu comecei a ensinar.

Ouçam: Eu começo com o vácuo. O vácuo é o mesmo que o cheio. No infinito, o cheio não é melhor do que o vazio. O vácuo é ao mesmo tempo cheio e vazio. Pode-se dizer qualquer coisa do vácuo, como por exemplo que é branco, ou preto, ou também que é, ou que não é. Uma coisa que é infinita e eterna não tem qualidade, porque possui todas as qualidades.

A êsse vácuo ou cheio, êsse vazio ou repleto, damos o nome de PLEROMA. Nele o pensar e o ser deixam de existir, pois o eterno e infinito não possuem qualidades. Nele não existe ser algum, pois êsse ser seria distinto do pleroma e possuiria qualidades que o distinguiriam como algo distinto do pleroma.

No pleroma há tudo e nada. É inútil pensar sobre o pleroma, pois isso levaria à auto-dissolução. A criatura não está no pleroma, mas em si própria. O pleroma é ao mesmo tempo o início e o fim de todos os seres criados. Ele os atravessa, como a luz do sol que está em todas as partes atravessa o ar. Embora o pleroma atravessasse tudo totalmente, a criatura não participa dele, assim como um corpo inteiramente transparente não se torna nem claro nem escuro com a luz que o transpassa.

Nós somos, contudo, o próprio pleroma, pois fazemos parte do eterno e infinito. Mas não participamos dele, pois estamos infinitamente distantes do pleroma; não espiritualmente ou temporalmente, mas essencialmente, pois somos distintos do pleroma em nossa essência como criatura, que está confinada dentro do tempo e do espaço.

Mas como somos parte do pleroma, êle está também em nós. Até no menor ponto o pleroma é interminável, eterno e inteiro, visto que pequeno e grande são qualidades que estão nele contidas. É aquela qualidade de nada que é por toda parte inteira e contínua. Portanto é apenas

em sentido figurado que falo do ser criado como parte do pleroma. Porque, na realidade, o pleroma não é em parte dividido, visto que êle é a própria qualidade do nada. Nós somos também o pleroma inteiro, porque, em sentido figurado, o pleroma é o menor ponto (suposto apenas, não existindo) em nós no firmamento ilimitado que nos cerca. Mas para que, então, falar do pleroma já que êle é tudo e nada ao mesmo tempo?

Falo do pleroma para começar em alguma parte, e também para libertar-vos da ilusão de que em algum lugar, seja fora ou dentro, exista algo fixo, ou de alguma forma estabelecido, desde o início. Tudo aquilo que se diz fixo ou certo é apenas relativo. A única coisa fixa e certa é aquilo que está sujeito à mudança.

O mutável, porém, é a criatura. Portanto é a única coisa que é fixa e certa; porque tem qualidades: chega a ser a própria qualidade. Surge a pergunta: qual a origem da criatura? Os seres criados aconteceram, não a criatura; visto que o ser criado é a própria qualidade do pleroma, tanto quanto a não-criação é a morte eterna. A criação está em todos os tempos e em todas as partes, em todo tempo e parte está a morte. O pleroma tem tudo, a distinção e a falta de distinção.

A distinção é a criatura. Ela é distinta. A distinção é a sua essência, e por isso ela distingue. Por isso o homem discrimina, pois sua natureza é de fazer distinções. Donde êle distinguir qualidades do pleroma que não são.

De que serve, direis, falar disso? Não acabastes de dizer que de nada serve pensar no pleroma? Isto eu vos disse para libertar-vos da ilusão de que somos capazes de pensar sobre o pleroma. Quando distinguirmos qualidades do pleroma, estamos falando com base em nossa própria capacidade de distinguir e com relação à nossa própria distinção. Mas nada teremos dito a respeito do pleroma. Sobre a nossa própria capacidade de distinguir, porém, é necessário falar, de modo que possamos fazer as distinções necessárias. Nossa própria natureza é de distinção. Se não formos fiéis a essa natureza não seremos capazes de fazer as distinções necessárias. De modo que é preciso que façamos distinções qualitativas.

Qual o mal, perguntareis, em não se fazer distinções? Se não fizermos distinções, estaremos ultrapassando nossa própria natureza, distanciando-nos da criatura. Cairemos na falta de distinção, que é a outra qualidade do pleroma. Cairemos no próprio pleroma deixando de ser criaturas. Entregando-nos à dissolução do nada. Essa é a morte para a criatura. Portanto morremos à medida que não distinguimos. Donde o impulso natural da criatura voltar-se para a distinção, para a luta contra aquela uniformidade primordial e perigosa. Isso se chama o PRINCIPIUM INDIVIDUATIONIS. Esse princípio é a essência da criatura. Daí podeis ver porque a indistinção e a falta de distinção representa um enorme perigo para a criatura.

Devemos, portanto, distinguir as qualidades do pleroma. As qualidades são PARES OPOSTOS como:

O efetivo e o inefetivo
cheio e vazio
vivo e morto
diferença e semelhança
claro e escuro
o quente e o frio
força e matéria
tempo e espaço
bem e mal
beleza e feiura
o Um e os Muitos etc.

Os pares de opostos são qualidades do pleroma que não são, porque cada uma contrabalança a outra. Como nós somos o pleroma em si, também temos essas qualidades dentro de nós. Visto que a base da nossa natureza é a distinção, temos essas qualidades no nome e sob o signo da distinção, o que significa:

1. Em nós, essas qualidades são distintas e separadas umas das outras; portanto não são equilibradas e nulas, mas efetivas. De modo que somos vítimas dos pares de opostos. O pleroma está partido dentro de nós.
2. As qualidades pertencem ao pleroma e só no nome e sob o signo da distinção podemos e devemos possuir e vivê-las. Devemos distinguir-nos das qualidades. No pleroma elas são equilibradas e nulas; em nós não. Distinguindo-nos delas somos salvos.

Quando almejamos o bom ou o belo, esquecemos nossa própria natureza, que é de distinção, o entregamo-nos às qualidades do pleroma, que são pares de opostos. Esforçamo-nos para alcançar o bom e o belo e ao mesmo tempo encontramos o mal e o feio, pois no pleroma êsses são um com o bom e o belo. Quando, contudo, permanecemos fiéis à nossa própria natureza, que é de distinção, distinguimo-nos do bom e do belo e, ao mesmo tempo, do mal e do feio. E assim não caímos no pleroma, ou seja, no nada e na dissolução.

Vós dizeis, objetais, que a diferença e a semelhança são também qualidades do pleroma. O que significaria, então, procurarmos a diferença? Estaríamos então sendo infiéis à nossa natureza? Estaríamos necessariamente entregando-nos a semelhança quando almejamos a diferença?

Não deveis esquecer-vos de que o pleroma não possui qualidades. Somos nós quem as criamos com o pensamento. Se, portanto, almejais a diferença ou a semelhança ou quaisquer outras qualidades, estareis seguindo pensamentos que vos chegaram do pleroma; pensamentos, isto é, relacionados a qualidades não existentes no pleroma. Quando persistíreis nesses pensamentos, cairíeis novamente no pleroma, e alcançareis a diferença e a semelhança ao mesmo tempo. Não é vosso pensamento, mas vosso ser, que é a distinção.

Portanto não é a diferença, como pensais, que deveis procurar; mas VOSSO PRÓPRIO SER. No fundo, portanto, só há uma busca, ou seja a busca do próprio ser. Se essa busca estivesse já dentro de vós, não teríeis necessidade de saber nada sobre o pleroma e suas qualidades, e alcançariéis vossa meta graças a vosso próprio ser. Mas como o pensamento separa do ser, é preciso que eu vos transmita aquele conhecimento através do qual podereis controlar vosso pensamento.



Ænigma Regis.

Wie ist geboren der Keyser aller ehren/
sein höher mag vber in geboren werden.

JUNG

2º SERMO

Durante a noite os mortos postaram-se ao longo do muro e clamaram:

Queremos conhecer deus. Onde está deus? Deus está morto?

Deus não está morto. Agora, como sempre, êle vive. Deus é criatura, pois êle é algo definido, e portanto distinto do pleroma. Deus é qualidade do pleroma, e tudo aquilo que foi dito a respeito da criatura aplica-se também a êle.

Êle se distingue, porém, dos seres criados por ser mais indefinido e indeterminável do que êles. Êle é menos distinto do que os seres criados, pois a base de seu ser é a plenitude efetiva. Êle só é criatura na medida em que é definido e distinto, e da mesma forma êle é a manifestação da plenitude efetiva do pleroma.

Tudo aquilo que não distinguimos cai no pleroma e é anulado por seu oposto. Se, portanto, não distinguirmos deus, a plenitude efetiva extingue-se para nós.

Além disso deus é o pleroma em si, assim como cada ponto mínimo no criado e no não-criado é o pleroma em si.

A anulação efetiva é a natureza do demônio.

Deus e diabo são as primeiras manifestações do nada, a que damos o nome do pleroma. É indiferente que o pleroma seja ou não, já que em tudo êle é equilibrado e nulo. Mas não a criatura. Na medida em que deus e o diabo são criaturas êles não se extinguem, mas estão um contra o outro como opostos efetivos. Não precisamos provar sua existência. Basta o fato de estarmos sempre falando dêles. Mesmo que os dois não existissem, a criatura, a partir de sua própria distinção essencial, estaria sempre distinguindo-os de dentro do pleroma.

Tudo que a discriminação tira de dentro do pleroma é um par de opostos.

A deus, portanto, sempre pertence o diabo.

Esta inseparabilidade é tão próxima e, como vossa própria vida vos revelou, tão indissolúvel quanto o pleroma em si. É assim que os dois estão muito próximos do pleroma, em que todos os opostos são extintos e ligados.

Deus e diabo são distinguidos pelas qualidades de cheio e vazio, geração e destruição. A EFETIVIDADE é comum aos dois. A efetividade os une. A efetividade portanto está acima de deus, pois em seu efeito une o cheio e o vazio.

Este é um deus que vós não conheceis, pois a humanidade esqueceu-se dele.

Nós o chamamos por seu nome ABRAXAS. É ainda mais indefinido do que deus e diabo.

Para distinguir deus dêle, chamamos deus de HELIOS ou sol. Abraxas é efeito. Nada se opõe a êle a não ser o inefetivo; assim sua natureza efetiva se desdobra livremente.

O inefetivo não é, portanto não resiste. Abraxas está acima do sol e acima do demônio.

É a probabilidade improvável, a realidade irreal. Se o pleroma tivesse ser, Abraxas seria sua manifestação. É o efetivo em si, não algum efeito em particular mas o efeito em geral.

É a realidade irreal, porque não tem efeito definido.

É também criatura, porque é distinto do pleroma.

O sol tem um efeito definido, como também o demônio. De modo que êles nos parecem mais efetivos do que o indefinido Abraxas.

É força, duração, transformação.

Os mortos agora tumultuaram-se, pois eram cristãos.

7º SERMO

Contudo ao anoitecer os mortos aproximaram-se novamente com ar de lamentação e disseram: Tem um assunto que esquecemos de mencionar.

Ensine-nos sôbre o homem.

O homem é uma passagem, através da qual se vai do mundo exterior de deuses, daemons e almas ao mundo interior; do mundo maior ao menor.

O homem é pequeno e passageiro. Agora mesmo já está atrás de vós, e novamente encontrá-lo no espaço infinito, no infinito menor ou mais interno. A uma distância incomensurável há uma única Estrêla no zenith. Este é o deus particular deste homem. Esse é o seu mundo, seu pleroma, sua divindade. Nesse mundo o homem é Abraxas, o criador e o destruidor de seu próprio mundo. Essa Estrêla é o deus e a meta final do homem. Esse é seu único deus-guia. Nêle o homem vai para seu repouso. Para êle se dirige a longa viagem da alma depois da morte. Nêle resplandece como luz tudo aquilo que o homem traz do mundo maior. A êsse um deus o homem deverá rezar.

A oração aumenta a luz da Estrêla.

Estende uma ponte sobre a morte.

Prepara a vida para o mundo menor e alivia os desejos inúteis do maior.

Quando o mundo maior esfria, então a Estrêla arde.

Entre o homem e seu deus único não existe nada, enquanto o homem puder afastar seus olhos do espetáculo chemejante de Abraxas.

Homem aqui, deus lá.

Fraqueza e nada aqui, lá o eterno poder criativo.

Aqui nada além da humildade escura e gelada. Lá totalmente sol.

Diante disso os mortos silenciaram-se e subiram como fumaça sôbre a fogueira do pastor, que por toda a noite vigiaram seu rebanho.

ANAGRAMMA:

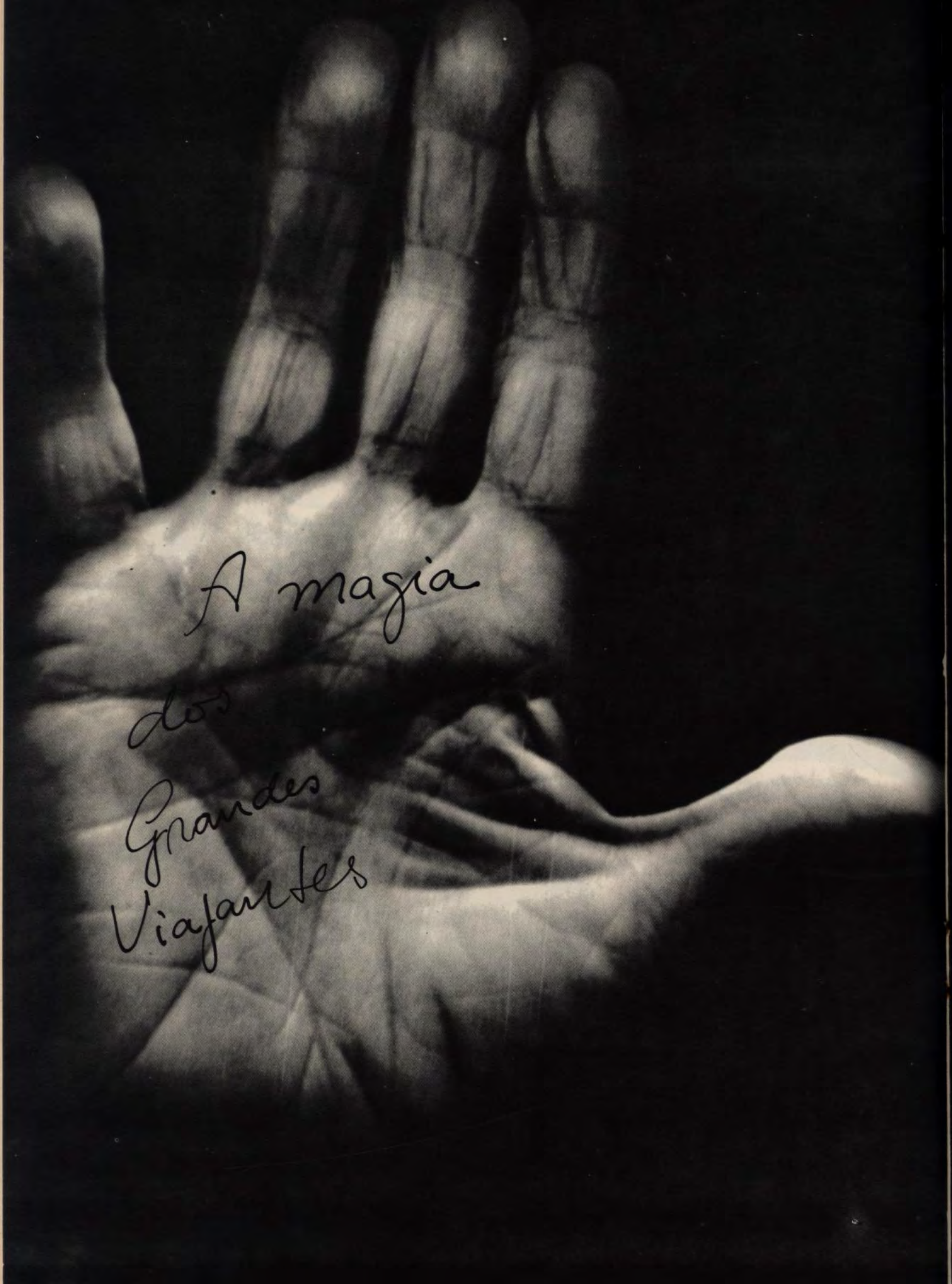
NAHTRIHECCUNDE

GAHINNEVERAHTUNIN

ZEHGESSURKLACH

ZUNNUS





A magia

dos

Grandes

Viajantes

OS FILHOS DO VENTO estão correndo de um lado para o outro, completamente desorientados. Estudiosos da psicologia cigana afirmam que todas as tribos estão partindo e acampando, acampando e partindo, como se tivessem perdido aquele sexto sentido que os orientava através de caminhos complicados, mas constantes. Algum acontecimento excepcional está prestes a acontecer e os Ciganos — povo puramente sensitivo — o estão pressentindo.

Nos últimos dez anos os ciganos iniciaram uma imigração para o Hemisfério Sul, principalmente África e América Latina. Segrêdos tradicionais, que eram mantidos de pai para filho durante todos êstes séculos, foram subitamente revelados. O rei oficial da raça, Jean Kwew, coroado em 1938 na Polónia, teve que dividir sua liderança com os outros dissidentes, surgidos na França, Espanha e alguns outros países da Europa.

“Muitos milhares de anos atrás havia ainda no mundo uns poucos Pchuvushi. Eram seres que possuíam a forma humana, mas habitavam o interior da Terra. Tinham cidades, mas somente uns poucos conseguiam chegar ao mundo da superfície.

Eram muitos feios, os homens possuíam o corpo inteiro coberto de cabelos. Casavam-se com mulheres raptadas da superfície, e morriam quando alguém rompia a casca do ovo onde haviam guardado a própria vida.”

As lendas sobre a formação da raça cigana são muito poucas, mas todas coincidem numa afirmativa: os ciganos já teriam possuído uma civilização bastante adiantada, mas surgiu uma guerra violenta e incontrolável, causando a destruição de tudo. A partir daí, por castigo dos deuses, os ciganos foram obrigados a vagar pela terra até o dia do Juízo Final, exercendo profissões apenas relacionadas à magia e ao ferro e fogo, elementos com que haviam destruído suas cidades (quase todos os ciganos exercem a profissão de ferreiro, e são exímios forjadores de ligas metálicas).

Foi encontrado em Florença, no ano de 1888, um livro que narra a formação das tribos ciganas. O livro chama-se “i Raconto delle Fate, Cesare da Causa”, e conta que um homem, certo dia, encontrou os ovos onde os Pchuvushi haviam depositado suas vidas. Pegando estes ovos, atirou tudo num rio que passava, matando todos os Pchuvushi. Sobraram apenas um homem e uma mulher.

“Certa vez, a mulher Pchuvushi que havia sobrado subiu para a superfície e sentou-se no meio de um bosque. Estava descansando quando viu um belo jovem dormindo, e então pensou consigo mesma: “Como eu seria feliz se este homem fosse casado comigo . . . o marido que tenho é tão feio! . . .” Mas seu marido, que a havia seguido secretamente, pressentiu o que ela estava pensando, e disse de si para si: “É uma boa idéia entregar a minha esposa para este jovem até que ela possa dar a luz a uma criança bonita. Daí eu poderei formar outra tribo de Pchuvus”. Assim pensando, aproximou-se de sua esposa e falou:

— Você viverá com este homem por dez anos, se me prometer todos os filhos e filhas que você tiver com êle. Ela concordou, e os dois começaram a cantar:

**“kuku, kukaya!
eu quero isto aqui!
kuku, kukaya!”**

O jovem acordou com o barulho, e o Pchuvusi ofereceu-lhe muito di-

nheiro para que ficasse com sua esposa. O homem concordou, e viveu com ela por 10 anos, e cada ano tiveram um filho. Passado o prazo, Puchus voltou para pegar as crianças, mas sua esposa desculpou-se dizendo que só tinha dado a luz a filhos homens e a raça não podia continuar. Puchus pensou então: “não faz mal, eu roubarei as mulheres”. E cantou:

**“kuku, kukaya,
olha estes cachorros aqui!
kuku, kukaya!”**

Os dez garotos começaram a rir e disseram a Puchus: Nós nos chamaremos Kukaya, e formaremos a nova raça”.

Afora lendas esporádicas, é muito difícil precisar a origem dos ciganos. Acredita-se que tenham vindo da Índia, e daí se espalharam por todo o globo. Dr. Wislocki, especialista da história cigana, diz que os Filhos do Vento admitem que Puchus teve muita dificuldade em arranjar mulheres, e então cruzou seus filhos com cadelas. É uma

coincidência bastante curiosa, já que os Esquimós afirmam a mesma coisa, e os romanos admitem que tenham sido originados de uma loba.

A MAGIA CIGANA

A feitiçaria sempre foi relacionada com os ciganos, que possuem aquilo que chamamos de “símbolos universais”, ou seja, práticas mágicas semelhantes a várias raças, como os índios, os esquimós, os negros africanos, etc. Todas estas religiões possuem grande ligação com o Shamanismo, uma filosofia oriental. O Shamanismo fundamenta-se no seguinte princípio: tão logo o homem começou a pensar e a falar, êle sentiu medo do sobrenatural, e passou imediatamente a cultuá-lo através de sacrifícios. Assim, nas formas mais rudimentares de organização social surge logo o “feiticeiro”, ou “mago”, cuja única função é harmonizar o homem com a natureza ou seja, transformar o meio ambiente num aliado, fazer chover, prestar sacrifícios, representar a tribo diante das divindades. O feiticeiro sabe tudo sobre a morte e os demo-

nios, e pode dirigi-los através de uma troca de oferendas. O feiticeiro é o Shaman. Possui uma origem Tartara-mongol-turania, mas seus primeiros dados concretos como culto estão registrados na civilização caldeia e babilônica.

De acordo com estes registros, todos os desastres que são obra dos espíritos do mal podem ser levados para longe através de exorcismos, queima de perfumes, e cerimônias especiais que são usadas até o dia de hoje. O primeiro estágio do Shamanismo fundamenta-se em sacrifícios bastante desumanos, praticados principalmente por mulheres (as mulheres, por possuírem um maior descompromisso físico com a manutenção da tribo, aperfeiçoam muito mais que os homens seus dotas sensoriais), que pretendem conciliar as forças espirituais lançando mão de qualquer tipo de artifício. Depois de certo tempo, aparecem reformadores do culto, afirmando que os poderes do mal não devem ser afastados, mas explorados em benefícios próprio. Isto provoca grande confusão entre as raças menos preparadas, e surgem duas correntes conflitantes: a que afirma que o mal deve ser afastado, e a que pretende conseguir um pacto com os demônios, ou seja, uma conciliação com o mal.

Partindo daí, e sem escolher nenhuma das duas fórmulas — mas utilizando uma ou outra de acordo com as circunstâncias — aquilo que nós poderíamos chamar de "religião" cigana começa a se desenvolver, absorvendo cada vez mais seus membros pelo sobrenatural e o maravilhoso que ela oferece, educando suas crianças na certeza de que qualquer homem pode possuir uma memória infinita de sons, sinais e idéias, e pode aliar isto a um poder cada vez mais desenvolvido de percepção & prática a respeito de faculdades atrofiadas

A EDUCAÇÃO DE UM CIGANO

Qualquer atividade cigana, mesmo as mais rotineiras, obedecem a um rigoroso ritual onde se prova a constante comunhão de tudo que se faz com as forças em volta, ou seja, com a Mãe Natureza. A cerimônia do



Nós somos 25 cartas

**pois nos transformemos
em 25 demonios!**

**Para entrar no sangue, no corpo
e na alma,**

**nos sentimentos do corpo
do meu amado, sem o qual**

eu não posso viver,

**sem o qual eu não posso comer,
ou existir . . .**

Nem consigo conversar

com homens ou mulheres

enquanto à porta de minha casa

ele não vier bater.

**(encantamento tuscano
para encontrar o amor)**



nascimento de uma criança começa antes mesmo da concepção. Os ciganos não admitem esterilidade, por exemplo. Só é estéril aquela mulher que já copulou com um vampiro ou com um demônio, consciente ou inconscientemente. Este problema pode ser eliminado, porém, comendo um pouco de grama de um túmulo onde uma mãe com seu filho tenham sido enterrados juntos. Enquanto come, a cigana repete um ritmo.

Outra forma de facilitar a concepção é beber água onde o marido colocou alguns pedaços de carvão, dizendo:

**Onde eu sou a chama
seja você a brasa
onde eu sou a chuva
seja você a água!**

Para saber o sexo de seu filho, a cigana fura um ovo, coloca gema e clara dentro de uma vasilha e urina dentro. Em seguida, coloca a casca de ovo em cima da mistura.

Se na manhã seguinte a casca estiver boiando, a mulher está grávida. Se a gema se mantiver separada da clara, ela vai dar luz a um filho, se as duas estiverem misturadas, a uma filha.

Se uma cigana come peixe durante a gravidez, seu filho custará a falar, e se come caramujos, a criança não caminhará direito antes dos dois anos.

Quando uma mulher começa a sofrer as dores do parto, uma fogueira é acesa diante de sua tenda, e assim mantida até que a criança seja batizada (ou melhor dizendo, iniciada em seus cultos). O fogo é alimentado por outras mulheres da tribo, que dizem a seguinte oração:

**Oh fogo, oh fogo, queima!
queima!
E retira da criança
retira!
Pcuvuse e Nivashi!**

**Deixa que as coisas boas venham
dai sorte à criança!
Aqui está a felicidade**

**Nós escolhemos boa madeira
e um bom combustível.
E mais madeira
e ainda mais madeira
nós colocaremos no fogo
Oh fogo, fogo queima!
A criança está nascendo: ouve!**

Quando o nascimento é muito difícil, enquanto umas ciganas ajudam, outras pegam um ovo e o deixam espantado no chão enquanto cantam:

**O ovo, o ovo é redondo
e o ventre é redondo
venha, criança! Venha com saúde!
Deus está te chamando!**

Se a mulher morre durante o parto, dois ovos são colocados sobre seus braços, enquanto o seguinte é repetido:

**Quando estes ovos ficarem po-
dres aqui não haverá mais leite!**

Quando a mulher sofre muito com dores pós-parto, sua tenda é defumada com eucalipto, enquanto as ciganas recitam:

**Rápido e rápido voa a fumaça
e voa, e a lua voa
quando as duas se encontrarem
saúde voltará para você
assim que a fumaça sair daqui
a dor sairá com ela.**

O menino cigano é logo iniciado nos segredos do ferro e do fogo, enquanto as mulheres aprendem toda sorte de ciências premonitórias. Os ciganos, apesar de viverem dentro de rituais constantes, adaptam estes rituais a cada pessoa. E acreditam que todas as mulheres — e as vezes alguns homens — possuem poderes sobrenaturais, parte aprendida e parte herdada. O ritual adaptado a cada pessoa visa fazer com que cada vez mais poderes sejam adquiridos, sem que os dons inerentes a cada pessoa sejam prejudicados.

A última das sete filhas nascidas em sucessão — sem que nenhum menino quebre a série — será maravilhosamente bem dotada, adquirindo inclusive o poder de enxergar coisas que os olhos humanos não conseguem ver (o mesmo acontece com o último garoto de nove irmãos con-



**"Lua cheia, alto mar,
um grande homem você será;
horizonte vermelho, céu nublado
morte sangrenta você terá**

**Reze para a lua
quando ela estiver cheia,
para que te dê muita sorte
e tudo que você quiser
seja encontrado
no mar ou na terra firme.
(oração de ganas ocidentais para
trazer felicidade a um
recem nascido).**



secutivos). Esta menina, porém, apesar de trazer a fortuna em si, nunca vai conseguir se casar. Em 1883, o líder da tribo Kukaya, Danku Niculai, ofereceu a uma velha cigana cem moedas de ouro para que persuadisse sua sétima filha a casar-se com ele. Nada conseguiu.

Tôdas as mulheres são iniciadas na prática advinatória. Grande parte deste aprendizado, porém, consiste em incentivar nas pessoas recém-nascidas suas PRÓPRIAS fórmulas, ao invés de condicioná-las a rituais pré-estabelecidos. Existe entre os ciganos húngaros uma classe de mulheres que fica diretamente acima de todas as outras ciganas do mundo. São chamadas as "Lace Romni", ou seja, "As Boas Mulheres", que recebem seus poderes diretamente de Pchuvusi e Nivashi os deuses da Terra e da Água.

MAGIA CIGANA — ELEMENTOS MAIS USADOS

Toda a magia cigana se fundamenta em forças da Natureza, e suas orações quase nunca falam em divindades. Utilizam fenômenos físicos como ligação entre o natural e o sobrenatural, de duas formas distintas:

- a) o ato de aquisição
- b) o ato de transferência

Um exemplo do processo de transferência: quando um cigano está com febre, chega perto de uma árvore e espera o primeiro raio de sol (sensação do universo). Quando isto acontece, ele se aproxima da madeira e exclama:

**"Febre, febre, vá embora!
Aqui é seu lugar. Aqui é seu lugar!"**

Desta forma, sabendo que nada neste mundo se perde, ele passa sua febre para a árvore. Nesta transferência, ele fica atento ao fato da natureza estar aceitando ou não seu ato, e pronto para aceitar a febre novamente caso note algum sinal de desequilíbrio a sua volta (o cantar de um cuco, por exemplo, significa que aquele ato não está adiantando nada, e quem tem que ficar com a febre mesmo é ele).

Na cidade de Klerk vivia um rico taverneiro com sua mulher. Ele, porém, era magro e fraco, enquanto ela era tão gorda que parecia um porco.

Um dia, o taverneiro encontrou uma cigana. Ela começou a ler-lhe a mão, para dizer que destino lhe estaria reservado no futuro. Como a cigana ia ficando séria a medida que olhava para a palma de sua mão, o taverneiro perguntou-lhe o que estava vendo. E a cigana disse:

"Ouca, homem! Sua esposa é uma feiticeira. Toda sexta-feira de lua nova ela monta em voce e vai de Klerk até a dança dos demonios no seu dorso". "Mas como?" disse o taverneiro. "É simples. Tão logo voce vai dormir, ela coloca uma sela mágica nas suas costas. Então voce vira cavalo, e assim ela atravessa montanhas e vales, florestas e mares em direção ao encontro das bruxas."

"Pouco voce sabe aonde está indo, e seus olhos não percebem nada do que voce está vendo. Tome cuidado na próxima lua nova, pois deste jeito voce vai acabar morrendo!"

Assim dizendo, a cigana seguiu adiante. Chegada sexta-feira, porém, quando a lua nova despontou no céu, o taverneiro foi para a cama, mas sem ter a menor intenção de dormir. Passado pouco tempo a mulher entrou no quarto, com a sela mágica nas mãos. Assim que a viu, o taverneiro pulou do seu leito e num golpe rapido segurou-a pelas costas e enfeitou-a com a sela. Em um segundo ela se transformou numa égua. Montando-a, ela se elevou nos ares e com a rapidez do vento cruzou o horizonte, em direção ao Encontro das Bruxas.



Quando ia chegando perto, porém, ele ordenou a égua que parasse, amarró-a numa árvore e começou a olhar o que estava acontecendo a distância. As bruxas reuniam-se num imenso anel, e possuíam potes feitos de casca de ovo.

Enquanto ele olhava, veio voando até ele uma bruxa na qual reconheceu a figura de sua avó. Assim lhe falou a bruxa, que havia percebido tudo: "Vá embora o mais rápido possível, pois se as feiticeiras virem um homem aqui, vão todas querer dormir com ele. Elas estão esperando por uma - voce sabe bem quem é - que ainda não chegou."

Então o taverneiro montou sua égua e gritou: "Para casa!". Assim que chegaram, ele a amarró no estábulo e foi dormir sozinho.

Na manhã seguinte, um de seus empregados disse-lhe: "Há uma égua no estábulo!" "Sim" - disse-lhe o amo - "coloque-lhe ferraduras". O taverneiro sabia muito bem que tudo que fizesse com a bruxa no seu encantamento permaneceria quando ela voltasse ao estado normal.

Feito isto, ele reuniu imediatamente uma comissão judicial, levou seus membros até sua casa e contou-lhes o ocorrido, levando-os até o estábulo. Então tirou-lhe a sela, e a égua se transformou na mulher que era antes, mas tinha ferraduras afixadas nos pés e nas mãos. Vendo como se encontrava, ela começou a gritar de dor e implorar piedade, mas os juizes eram duros e a condenaram a morrer queimada.

Desde esta época o povo de Klerk quebra em pedacinhos as cascas de ovos, a fim de evitar que as feiticeiras façam jarros e potes.



O processo de transferência fica mais nitidamente claro na seguinte oração cigana (cura de dor nos olhos).

**"Eu tenho dois olhos
eu tenho dois pés,
dor de meus olhos
vá para meus pés!
Vá dos meus pés
para dentro da terra!
Vá da terra
para a morte!**

Nota-se ainda que quase nunca são mencionados deuses ou equivalentes, mas apenas forças naturais em constante atuação.

Outro exemplo de transferência: Para se eliminar a dor de dentes, pega-se uma pedra de rio, amarra-se uma palha ao seu redor e atira-se novamente a pedra na água, dizendo:

**Oh, minha dor de dentes
você está me causando um grande problema!
Não volte para mim
porque minha boca não é seu lugar
Eu não gosto nem um pouco de você
fique longe;
assim que esta palha tocar na corrente vá com ela!**



Assim como o cigano se utiliza de determinado processo físico para simbolizar o afastamento sobrenatural da maldade, também se utiliza de processos físicos para aproximar o bem. Cortes na pele (a mistura física de sangue do homem com sangue da mulher, no casamento cigano), amuletos, comida. Desta forma se caracteriza o ato de aquisição cigano.

O problema alimentício como aquisição de poderes é bem caracterizado na lenda de Mashurdalo. Mashurdalo é um gigante da mitologia cigana, e exemplifica o cuidado dos Filhos do Vento com a comida. Vaga pelas florestas procurando feras e homens para devorá-los. Sabendo que o gosto de um branco é bem superior à galinha, e a carne de um negro desce melhor que um ganso cheio de ossos, Mashurdalo prefere, como um simples e não-sofisticado selvagem que ele é, comer homens e animais. Como Mashurdalo não tem cuidado com sua alimentação é um sujeito estúpido e não sabe distinguir o valor das coisas, apesar de ter sob sua guarda grandes tesouros. Seu único poder é a força bruta.

O processo de adquirir poderes através da comida é utilizado por muitas raças através de várias eras (os astecas comiam corações de seus inimigos, os canibais acreditam que a carne de um guerreiro valente irá transmitir-lhes a coragem do mor-

to). Um cigano interpelado a este respeito por um cristão, assim falou: "você acreditam que o filho de Deus morreu na cruz para salvar a humanidade. E vocês não comem quando o padre oferece a óstia dizendo que é Seu verdadeiro corpo?"

Entre os elementos físicos mais usados pelos ciganos na prática da magia encontra-se o sal. Segundo eles, o sal é saacrado e as divindades infernais não podem com sua força, pois ele é o símbolo da vida, e preserva o corpo físico da decomposição. O demonio nunca come sal. O sal é colocado em filtros de amor para garantir a duração do efeito. Em algumas tribos ciganas orientais, o sal é carregado junto do corpo, numa pequena sacola, para preservar a saúde.

"Uma vez um casal foi convidado para ceiar com o demônio. Mas todos os pratos eram de frutas, e o casal estava apavorado. A certa altura, o homem teve uma brilhante idéia: mordeu a língua, e quando sentiu a boca cheia de sangue, exclamou: — "Obrigado, meu deus! Enfim aqui há sal!" Imediatamente o demônio sumiu."

Também o cabelo é utilizado nas práticas ciganas. Segundo uma crença antiga, se o Espírito do Mal possui um pouco do cabelo de alguém, pode conseguir a alma desta pessoa.





Os ciganos seguem uma série de normas a êste respeito, como veremos a seguir:

Se um pássaro acha um punhado de cabelos e com eles constrói parte de seu ninho, o homem a quem pertenciam tais cabelos sofrerá constantes dores de cabeça até que, durante a ausência da lua, ele esfregue em seu couro cabeludo a gema de um ovo, e o lave em água corrente. Depois disto, para que a dor seja definitivamente curada, é necessário ainda que ele misture um pouco de seus cabelos com comida e entregue a um cachorro branco.

Se os cabelos cortados de um homem ou uma mulher forem achados por uma cobra e carregados até seu ninho, a pessoa que o perdeu será sempre derrotada, até que o corpo da cobra entre em estado de decomposição.

Cabelos de um louco deixados na estrada enlouquecerão todos que os virem, até que alguém decida-se a enterrá-los.

Achando qualquer fio de cabelo na roupa, os ciganos o queimam imediatamente, para escapar de prováveis malefícios. Pois uma das formas mais comuns de encantamento é pegar um cabelo do inimigo, urinar em cima e colocar em meio das roupas dele.

Se alguém sonha muito com a morte, coloca um pouco do próprio cabelo num velho sapato e o entrega ao primeiro mendigo que passar. Este procedimento previne completamente as influências maléficas.

A magia cigana não pode ter qualquer relação direta com a sociedade civilizada do homem branco. Assim, quando um ritual determinado exige objetos que só podem ser encontrados através de um esquema industrial, tudo é feito para que a aquisição deste objeto siga rumos diferentes, sem envolver ninguém e nenhum caminho tradicional de obtenção do objeto. Um amuleto preparado por ciganos ingleses exige, na sua confecção, um saco de linho. A fórmula de encantamento, porém, exige que este linho seja "roubado, achado ou mendigado".

O uso de objetos manufaturados, porém, se restringe a muito poucas fórmulas. Geralmente a encantação se faz em lugares isolados, através de madeiras, rios, ovos, ou qualquer outros elementos que o próprio meio ambiente dispõe, o que indica a familiaridade dos ciganos com a Natureza, com os sermões pregados pelas pedras em silêncio, com os livros escritos em galhos de árvores, com as vozes do vento que sopra. Ao mesmo tempo que pede alguma coisa, o cigano também oferece de si. Nem uma só árvore é cor-



tada sem que se ajoelhe diante dela e se diga: "Senhora Ellhorn, dai-me sua madeira, e eu te darei meu corpo quando repousar em paz na floresta".

Assim fala G.G. Leland, em seu livro "Gipsy Sorcery" (1892): "O povo civilizado que lê sobre os Índios ou sobre os ciganos é levado logo a concluir que são ignorantes ou lunáticos — e jamais poderão compreender como é que estes povos, que passam suas vidas em lugares selvagens olhando grama e quedas d'água, e ouvindo o vento até que seu murmúrio se transforme numa canção real, acreditam no que estão fazendo e sabem que há a mesma presença mística em todas as coisas que se movem, tanto quanto neles mesmos. Nós temos contra isto nossa vida de homens civilizados, com família e clubes aonde ir, com recepções e negócios, fábricas e bolsas de valores, jornais e "cultura". Mas a Natureza é a única coisa eterna e, enquanto a grama está crescendo e os rios correm em direção do mar, o homem é levado sem querer ao feitiço das coisas eternas. E enquanto não nos convercermos disto ninguém conseguirá escrever novas poesias, nem fazer uma arte verdadeiramente revolucionária, mas apenas copiar as idéias daqueles que viveram assim, ou ter crises de exibicionismo aonde não existe nada de original".

Devagar. Não se sobrecarregue de coisas que não são realmente necessárias — lembre-se que é disto que você está tentando escapar. Você não precisa de muita coisa: um pacote, roupas, o saco de dormir, capa de chuva e alimentos suficientes pois terá muito apetite. Se continua achando que está levando muita coisa, bem, então esqueça tudo e leve apenas o saco de dormir e a comida. No entanto, se está viajando por muitos dias o melhor é ir um pouco mais equipado.

Tenha calma. Procure ler alguns catálogos, converse com seus amigos que estão voltando de viagem. Converse com os vendedores das lojas. E o mais importante de tudo: tenha bastante atenção para levar tudo que você vai realmente precisar.

nos em suas costas (requer menos esforço) e descansa seguramente em seus quadrís. Se você está carregando muito peso provavelmente achará o pacote de armação mais confortável; acima de 40 kilos é quase certo que precisará de uma mochila de armação. Eu a considero mais confortável, mesmo que isto fique um pouquinho volumoso. Quando você experimentar verá como se sente. Está o peso sobre seus quadrís? As tiras dos ombros estão confortáveis?

Veja que existem outros reforços bem acentuados dos lados. Consiga um pacote com bolsas para o lado de fora — eles são úteis para coisas que você quer ter sempre a mão, como flashes ou um lanche. O pacote é feito de lona ou de nylon? O nylon é fino porém forte, normalmente é mais caro.

SACO DE DORMIR

A função do saco de dormir é estar sempre quente enquanto você dorme. Ele mantém uma almofada de ar ao redor de seu corpo — quanto mais espesso, mais quente você se sentirá. O calor da bolsa de ar vem do calor radiativo do seu corpo. Seu corpo porém irá esfriando durante a noite, a umidade é condensada, o que não é nada agradável. Assim sendo, um bom colchão evitará a evaporação da água, e, ao mesmo tempo manterá calor suficiente. Um saco de dormir baixo é decididamente mais quente, mais leve e mais compacto, sendo no entanto mais caro que qualquer outro modelo, indo de Cr\$ 200,00 a Cr\$ 300,00.

VOCÊ - PODE - VOCÊ - DEVE

MOCHILA

A massa combinada da mochila deverá descansar sobre seus quadrís e não sobre seus ombros. Leve com você uma mochila para 1 dia: com seu sueter e o lanche dentro. Se em vez disto encher sua mochila com 20 ou 30 kilos de coisas que você precisará durante uma noite inteira, seus ombros se tornarão uma verdadeira carga.

Existem duas espécies de mochilas:

Mochila de armação é larga, com acabamento de metal que muitas vezes pode ser retirado. A armação se encaixa ao redor de seu corpo e leva todo o peso para seus quadrís. As tiras nos ombros carregam unicamente uma pequena parcela do peso. Na verdade o que acontece é que o peso fica afastado do corpo.

A armação contém várias unidades de alumínio. O peso do pacote é mais distribuído, pendurado me-

PREÇO

Uma mochila nova derucksack custa entre 80 e 230 cruzeiros; comprei uma de lona usada por 50 cruzeiros. Dê uma olhadela em volta. Mochila de armação custa um pouco mais. A marca Kelty, por exemplo, que é uma das primeiras, em matéria de qualidade custa Cr\$... 320,00, mas o Equipamento Recreacional Co-Op tem uma excelente por Cr\$ 120,00.

TRANSPORTE

Seus pés são seu transporte nas montanhas e suas botas resguardam seus pés. Lembre-se que estará carregando 30 ou 40 kg e precisará de todo apoio possível. Num caso de economia um sapato esporte estará bem, mas o melhor mesmo é comprar um bom par de botas com solas de pneu. Um par de botas com solas de Vibram custam 80,00 e não há botas de andarilhos (usadas) à venda.

Use também dois pares de meias — uma de algodão que calçará primeiro e outra de lã. Isto evita bolhas d'água.

É necessário também avaliar a quantidade de penugem do forro. Normalmente, dois quilos e meio de penugem são suficientes (excluindo grandes altitudes e acampamento no inverno): Alugue ou peça um emprestado para ter uma idéia inclusive da quantidade de calor que você precisa para ter um bom sono.

Outra forma boa é ler vários catálogos, comparar a explicação de cada fabricante.

O saco de dormir deverá ser costurado lateralmente, de forma que fique alto mantendo o laço e o ar do colchão bem espesso. Se as duas partes do pano que caírem não permitem espaço para o forro cair você poderá encher o estreito espaço de penugem e não apenas perderia aquela espessura do colchão de ar, no seu corpo evaporaria uma umidade que não seria normal.

Se o saco de dormir tem de servir também como um cobertor, procure estar certo de que ele possui um fecho-eclair em todo o redor. Você está indo acampar com uma a-

miga? (A dois?) Compre dois sacos de dormir destes que podem ser fechados juntos. Observe o tamanho dos fechos — quanto mais largos mais fáceis de fechar e abrir. Alguns modelos tem dois fechos que permitem a entrada de ar nos pés sem ter que expor todo o corpo. Esteja certo de que não exista nenhuma abertura além do fecho — numa noite de inverno poderá entrar muito ar frio através dele.

Consiga um saco de dormir que seja suficientemente largo para que você bem fique bem acomodado. Sacos retangulares dão a você mais espaço, porém eles são pesados e existe mais espaço vazio de ar para seu corpo. Os sacos Mummy são do feitio do seu corpo, e conservam bem o calor, mas pode tornar-se incomodo se voce se mexe muito quando dorme.

também uma forte corda de nylon bem forte e esteja apto a improvisar uma tenda se for necessário.

Para um período de mais dias inclua mais alimento e possivelmente mais roupas, principalmente se o acampamento for para um lugar muito elevado.

BARRACA

A mais simples espécie de barraca é a de formato cilíndrico, de 1m a 1,50cm de diâmetro e 3m de comprimento. Amarre um cordão ao redor em duas árvores e prenda a barraca ao cordão. Isto não fica muito estético mas evita que você apanhe chuva e custa uns poucos cruzeiros.

Existem vários tipos de barracas. A maioria custa na base de Cr\$ 350,00. Dê uma olhadinha nas lojas.

QUANDO O HOMEM ACAMPA

Para poucos dias (tres dias) aqui vai o mais necessário: shorts, calças, 4 pares de meias, camisa esporte (tipo trabalho), uma camisa de lã, 1 jaqueta, 1 chapéu, 1 sweater se pensa que a temperatura vai cair, mocassim. O saco de dormir e um saco pequeno para as miudezas, 1 almofada, 1 poncho, saco plástico com fósforos, pequena lanterna com pilhas e lâmpadas extras, vários metros de corda de nylon, bussola e mapas, desinfetante (o alho costume espantar mosquitos) óculos, 1 caderno, canetas, 1 livro guia, instrumentos musicais, 1 garrafa de 1/4 de plástico, dois copos, 1 faca de alumínio, 1 frigideira, 1 vasilha de plástico usada para gelatina ou pudim e algumas toalhas, papel higiênico, câmera, 1 bolsa com remédios, comida.

VOCÊ - PODE - VOCÊ - DEV

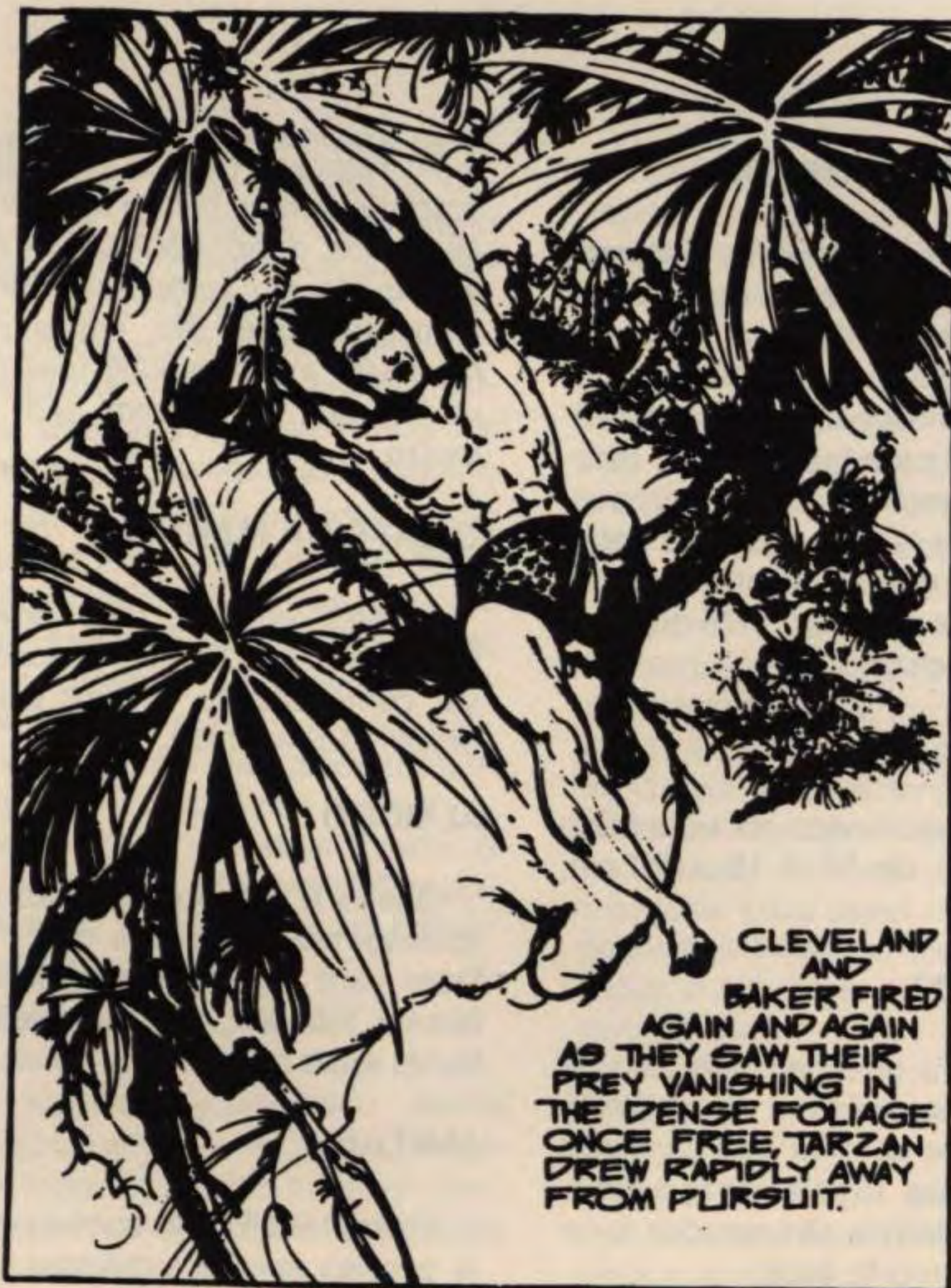
Existem alternativas para sacos de dormir: Dacron, e Kapok. Os de Lapol são os mais comuns, são bons para acampamentos de carro, não são exageradamente quentes e leves.

Deverá ser guardado sempre limpo, alcochoe-o bem antes de usa-lo. Pendure-o, quando chegar em casa.

O frio não chega até você apenas por causa do frio da noite mas também pelo solo. A almofada também é uma boa idéia. Existe um tipo de almofada de borracha que possuem 2 cm de espessura, medem 52 x 1.80 cm e pesam menos de 1 kilo.

ROUPA

Leve somente o que vai precisar. Use calças compridas grossas e confortáveis, uma blusa de mangas curtas, uma blusa de mangas compridas e leve uma jaqueta para o frio. Shorts se for para a praia, meias, um chapéu, óculos, um poncho de borracha serve de capa de chuva e como abrigo de emergência. Leve



CLEVELAND
AND
BAKER FIRED
AGAIN AND AGAIN
AS THEY SAW THEIR
PREY VANISHING IN
THE DENSE FOLIAGE.
ONCE FREE, TARZAN
DREW RAPIDLY AWAY
FROM PURSUIT.

PUFT — PUFT — VUUM — PACATAU — CRRASH



PRIMEIROS SOCORROS

Os itens de primeiros socorros em caso de emergência que sempre levo comigo são: água boricada, remédio contra mordidas de cobras, aspirina, bandagem, gaze, antisséptico, pomada para queimadura, livreto de informações para primeiros socorros, velas, sabão agulha e linha. Para as informações de primeiros socorros existe um bom livro que custa apenas 5 cruzeiros.

Tudo é condicionado em uma caixa de alumínio de 12 x 15 x 20 cm.

ALIMENTOS

Você poderá queimar mais calorias do que pensa após um dia nas montanhas. Leve comida que contenha muita energia. Infelizmente a maioria dos alimentos são pesados e neles contém muita água.

A resposta para o viajante que gosta de comer bem é levar consigo alimentos desidratados. Entretanto eu duvido do valor nutricional de alimentos que são empacotados. Aqui vão algumas sugestões de comidas que alimentam sem pesar muito.

O CAFÉ DA MANHÃ

Cereais cozidos, nos primeiros dias. Laranjas. O chá é aconselhável como bebida. Alguns biscoitos preparados em casa.

ALMOÇO

Queijo é um pouco pesado, mas gostoso nos primeiros dias. Tente fazer você mesmo sua marmelada de laranja (abaixo segue a receita). E frutas secas como figos, passas.

JANTAR

Melhor você levar comida que seja preciso apenas esquentar, entre-

tanto veja se varia os ingredientes. Depois de alguns dias a mesma comida enjoa. Condimentos: você precisará de muitos deles. Limonada é rica em vitamina C. Algumas vitaminas em comprimido serão interessantes.

MARMELADA

Deixe as laranjas de molho durante uma noite inteira, na água. Adicione algum sabor de limão, açúcar e cozinhe num fogo baixo até que veja que chegou ao ponto. Quando esfriar ponha num jarro de plástico com tampa.

BISCOITOS

Para serem feitos em casa.
2 copos de farinha de trigo
4 a 5 colheres de açúcar
1 colher de chá de sal
1/2 copo de leite

Ponha numa tigela separada 1/3 de óleo e 2/3 de água e adicione os

- R R I I N C H / VIAGEM SEGUNDO CLÁUDIO FORTUNA



outros ingredientes. Mexa o menos possível. Use uma forma comprida e rasa. Asse os biscoitos numa temperatura amena.

MAPAS

Se você está indo acampar você precisará de um mapa, claro. A não ser que sejam os caminhos convencionais e conhecidos. Para eles não leia este artigo mas consulte as companhias de turismo.

Você não vai poder seguir pistas deixadas por outras pessoas. Para atravessar um país numa viagem leve um mapa topográfico da área. Os mapas mostram a vegetação, lagos, estradas.

COMO ANDAR

Você está todo equipado na estrada. Não caminhe depressa acostume-se a um passo vagaroso e constante. Dessa maneira, você conseguirá chegar em melhor estado. Pare

frequentemente se você está caminhando num passo apressado. Comece cedo, se possível antes que o sol nasça. Seu corpo está descansado e o sol não está quente. Você terá caminhado bastante até que o sol esquente e quando estiver realmente escaldante poderá descansar um pouco. A rapidez com que poderá caminhar na montanha é mais ou menos uns dois km. por hora. Na caminhada balance os braços e respire fundo. Será ótimo se puder manter conversa com alguém. Tenha sempre as mãos livres de qualquer coisa para o caso de escorregar de repente. Procure não fazer a caminhada sozinho, porque mesmo o mais experiente dos andarilhos pode torcer o tornozelo ou ser mordido por uma cobra

MANEIRA DE ACAMPAR

Se possível acampe cedo. Assim terá tempo de explorar a área, observar o lugar de dormir e jantar tranquilamente, o que será difícil depois que escurecer.

Ponha sua bagagem no chão, estenda seu saco de dormir e verifique se está confortável. Sim? então estará pronto para a noite. Evite acampar em áreas muito viajadas. Sua presença será um grande impacto para a ecologia local. Procure não deixar vestígios de sua presença. Use uma fogueira apenas se você não tem por perto algum outro grupo que já tenha feito uma, caso vá fazer, não faça perto de árvores. Conserve as chamas da fogueira baixa. Ajunte todo o lixo, não o queime na área na qual se encontra. Deixe o local onde acampou mais limpo que encontrou. Cave um pequeno buraco se você pretende ficar mais dias para papel higiênico (não deixe espalhado ao seu redor). Use sabão e não detergente para a lavagem de louças.

ONDE IR

Pegue um mapa, qualquer mapa. Em qualquer estado. Procure a floresta e então vá.



as pessoas não transavam com o mar

DEPOIMENTO DE UM MUITO CONHECIDO VIAJANTE
SOBRE AS AGRURAS E AMARGURAS, ALEGRIAS
E VERDADES DAS ESTRADAS.

FEIRA:

A feira que antigamente era espontânea, depois que os comerciantes tomaram conta, acabou. Feira atualmente é uma entidade de amparo à velhice, pessoas que tem butiques, casas de comércio, e como o governo ganha muito com isso, poi a inscrição custa Cr\$ 60,00 e tem mais de 500 inscritos, o governo não se incomoda. De artesanato tem pouquíssima gente lá. A maioria compra e revende, como feira de arte não existe. O público da feira: As bichas vão paquerar e as mulheres bacanas que nunca dormiram com Ripi (cabeludo) vão para lá paquerar, compram uma pulseira e mandam levar em casa. Virou ponto turístico. O artesão continua marginalizado. Inventaram de pagar imposto e eu achei legal (porque qualquer papo você mostra a carteirinha e prova que você trabalha). Quem tem artesanato tipo butique pode sair porque vende nas butiques. As butiques querem industrializado. Meu artesanato quase sempre é peça única.

AREMBEPE:

Arembepe tem condição de ter uma pequena agricultura. Não vi ninguém plantando, só vi o pessoal muito abastado, sentado em baixo dos coqueiros, sem fazer nada. Ninguém procurou saber se a terra dá alguma coisa. Não havia contato com a natureza. As pessoas que eu vi se limitavam a tomar banho de rio. Só conheci um rapaz que fazia artesanato, e por incrível que pareça, tinha gente vendendo horóscopo para sobreviver, quer dizer, preocupados mais com os astros do que com o mar e a terra. Lá é um lugar bom para plantar agrião, que é um ótimo alimento. As pessoas de um modo geral não se davam com o mar, não procuravam saber que tipo de peixe dava, transar um barco. Tinham que ter feito alguma coisa, pois se você sai da cidade para morar em outro lugar você tem que explorar tudo que ele tem. A não ser que ele tenha só poços de petróleo, o que significa que você tem que se mudar. Do contrário você tem que transar tôdas a do lugar.

O pessoal foi para lá a fim de ficar algum tempo, não sabendo se ia ficar um ano ou dez. Fora o problema de estar todo mundo perdido,

êles e nós sem saída, ficarmos esperando que pinte do céu um salvador. Eu posso dizer que é uma fuga a situação de lá.

A atitude de ir pode ser outra, mas o fato deles estarem lá da maneira que estão. A impressão é que eles foram pra lá por ser um lugar bonito. Arembepe é maravilhoso, é um dos lugares mais bonitos que já vi. Pra fechar a cortina do que é Arembepe, lá no fim tem umas palmeiras enormes, só a sombra, assim termina o cenário. E a gente toma banho nú o tempo todo. Posso estar sendo injusto com as pessoas que moram lá, mas eu estou falando das que conheci. O pessoal do podscrê, do é sso aí amizade, é o que predomina lá, embora tenha muita gente que louca, lá encontrei com uma certa maturidade. Eu não vi nada sério. vi uma situação que posso considerar como passageira, gente que foi pra lá em tempo de férias, se bem que os da Casa do Sol Nascente estão lá há mais tempo, se propondo a uma coisa mais séria, só que eu não transei direto com eles.

Eu queria transar com eles, pois essa comunidade me interessa. Particularmente, eu mesmo seria um cara capaz de morar em comunidade, mas pelo que tenho visto, não dá, porque sempre acaba tocando na individualidade. Por exemplo, deixei uma garota dormir aqui em casa e de manhã encontrei um bilhete: Levei tua touca. Ela não quis saber se era touca encantada, simplesmente pegou. Esse tipo de coisa acontece em tôdas as comunidades que conheço. As pessoas não se respeitam, quando isso é essencial.

A necessidade primordial; transar com o mar e a terra, coisa que eu não vi por lá.

Eu em Arembepe tomava banho nú por dois motivos: primeiro, porque eu sou exibicionista e tenho que admitir isso, e depois porque existem poucos lugares onde se curtir o sol, às vezes as meninas eram importunadas porque os pescadores viam e arriavam o calção pra mostrar a elas. Bahia virou moda, todo mundo de Ipanema estava lá, talvez pelos mesmos motivos, porque é um lugar místico, agora, ficar a vida toda viajando e não fazer nada. Eu tenho uma necessidade emocional para ser suprida e viajando não posso, recebi uma proposta de trabalho na Bahia, e quando eu fôr vai ser para



morar lá, talvez em Arembepe. Acho a iniciativa deles mesmo com toda a pôrralouquice, importante.

Não tiro a importância das pessoas quererem ir a Arembepe, mas não sei porque motivo foram para lá. Me limitei a chegar, observar, constatar, e não sabia o porquê das pessoas desconhecem o fato dos coqueiros morrendo. Você tem que comer pedra pra sobreviver e não ficar vendendo horóscopo.

SONHO:

Tem gente que só vive de côco, mas ninguém planta, é só comer, as pessoas estão esperando sair uma solução do céu. Houve uma época em que se confiava em Jimmi Hendrix, parecia o salvador do Universo. Morreu. Depois foi a filosofia Ripi; da paz e do amor, mas a realidade está sendo outra, é só ver os E.U.A. Em Nova Yorque a guerra civil está sendo praticamente na rua, então o comportamento das pessoas é de total alienação, estão respirando e se esquecem disso. Ninguém pensa em fazer nada, é difícil saber o que fazer, mas de qualquer maneira a gente tem que procurar e o que se está vendo é que as pessoas se negam a isso.

Tem uma carta aí de Jerônimo, Touro Sentado, o que era não sei, mas ele diz que quando um homem volta e procura o que ele quer, ele acha, e eu tenho pensado muito nisso. As pessoas estão esperando que o gótico seja a salvação do mundo, pode ser uma atitude reacionária, alienada. Pra mim dá essa idéia, se bem que se possa fazer cada um a sua transa e paralelamente ter uma atuação qualquer em tôrno de uma coisa que você quer modificar.

Viajei pelo interior de Minas (que coisa horrível é o interior de Minas) de Ouro Preto pra Bahia, com um garôto sem dinheiro e dizia que estava na dêle, só que se eu não pagasse o rango, êle estava mal. Encontrei com êle em Salvador, e disse que tinha jogado os documentos fóra, não estava aí pra nada, e no fim do papo pediu uma grana. Aí eu disse que tinha mas não ia dar, porque dando amanhã eu vou te pedir, e se pedir sou um concorrente pra você, e não te dando vou deixar de pedir, logô estou te fazendo bem. Encontrei pouca gente trabalhando. Olha viajei com 120 pedros pro NE e uma sacola com 50 pares de sandálias pra vender. Não vejo porque as pessoas ficarem pedindo, e pedindo

de burguês, porque burguês tem que dar dinheiro pra êles, porque explorá o operário, sei lá... Se eu tenho capacidade de criar, porque vou deixar de trabalhar, ganhar dinheiro? Se eu puder ser muito rico eu vou ser muito rico. A única coisa que eu não posso é, prescindir da minha aparência pra ganhar. Eu nunca mais na vida vou usar terno, gravata, nem vou pra bolsa. Vou ganhar com o que tenho na cuca. Conheço gente que há um ano atrás pedia, e está pedindo até hoje. Esse tipo de gente vai morrer e não sabe que a morte existe. Paz e amor existe dentro da gente e não adianta imoôr. Atualmente P & A está sendo muito bom pra dono de fábrica de camisa. É como bolsa. O homem se adultera fisicamente por um preconceito babaca de não usar bolsa. Então anda com os bolsos cheios todo encalombado. Bolsa é coisa de bicha. Mas quando 100.000 pessoas estiverem usando e virar consumo, aí êle usa.

Eu tenho todos os anseios que o ripi e que os bitniks tinham. Quem conhece alguma coisa dos Bitniks saca muito em cima da atual posição de abastamento que o pessoal está. Os bits foram pichados na época talvez tanto quanto os ripis, ou mais, e eram mais violentos. Hoje ficou praticamente abolido se esse negócio de P & A, agora é coisa de chacinha. Porque as pessoas só passaram a usar depois que a TV divulgou. Não estou nem aí pra quem passa por mim e faz esse sinal. A gente saiu de um período de sonho, passou muito tempo sonhando, sonhando, mesmo sabendo que esse sonho tá meio baratinado. Não é a toa que Gilberto Gil fez o Sonho Acabou, John Lennon The Dream is Over. Não é a toa que estoura no mundo inteiro uma série de pessoas ligadas a este problema. Quem ficar na espera tentando agredir as pessoas com cabelos grandes e roupas berrantes não conduz a nada. O que está havendo é uma parada e pode ser que finalmente depois de tanto ócio esta parada impulsione alguma coisa, mas parece que dialeticamente nada gera nada e a dialética existe e é viva.

Essa partida pra outra é aquela história: Muita gente não está sabendo o que quer nem o que não quer. Aí entra aquela frase de 68: "Eu não

sei o que quero, mas sei de uma porrada de coisas que eu não quero". Agora entre o que eu quero e o que não quero entram muitas coisas que eu possa vir a querer. E essas coisas eu tenho que procurar até encontrar. Ficar naquela de deslumbrado, ouvir música, não dá pé. Pira.

As pessoas ficam se escondendo atrás dessa 'calmaria', 'eu sou muito bom', a realidade que você quer ver, quer ser, e como você tem uma coisa e quer ver outra, só pode pirar, a contradição é muito grande.

INTERIOR:

Fiquei uma noite sem conseguir cama e então pedi abrigo a um camponês e acabei ficando todo o outro dia com ele. Trabalhei, cortei cana, fiz melado, é bom.

Não se pode negar a humildade do pessoal do interior. É extremamente humilde e bom. É até contraditório o machismo e a bondade. Creio que essa bondade é devido à Religião. As pessoas tem medo do inferno e tem que ser boas. É realmente incrível esse interior do Brasil. Tem Lugares que parece o Ceilão.

As vezes lá no interior é preferível para o pai matar quem fez mal à filha dele, do que deixar viver mesmo que case, porque as pessoas respeitam mais os costumes do que as leis. Eu atesto a minha total incompetência pra viver no interior, se eu tivesse que fazer uma comunidade eu faria num lugar mais aberto, talvez entre o Norte e o Sul, Nordeste e Leste.

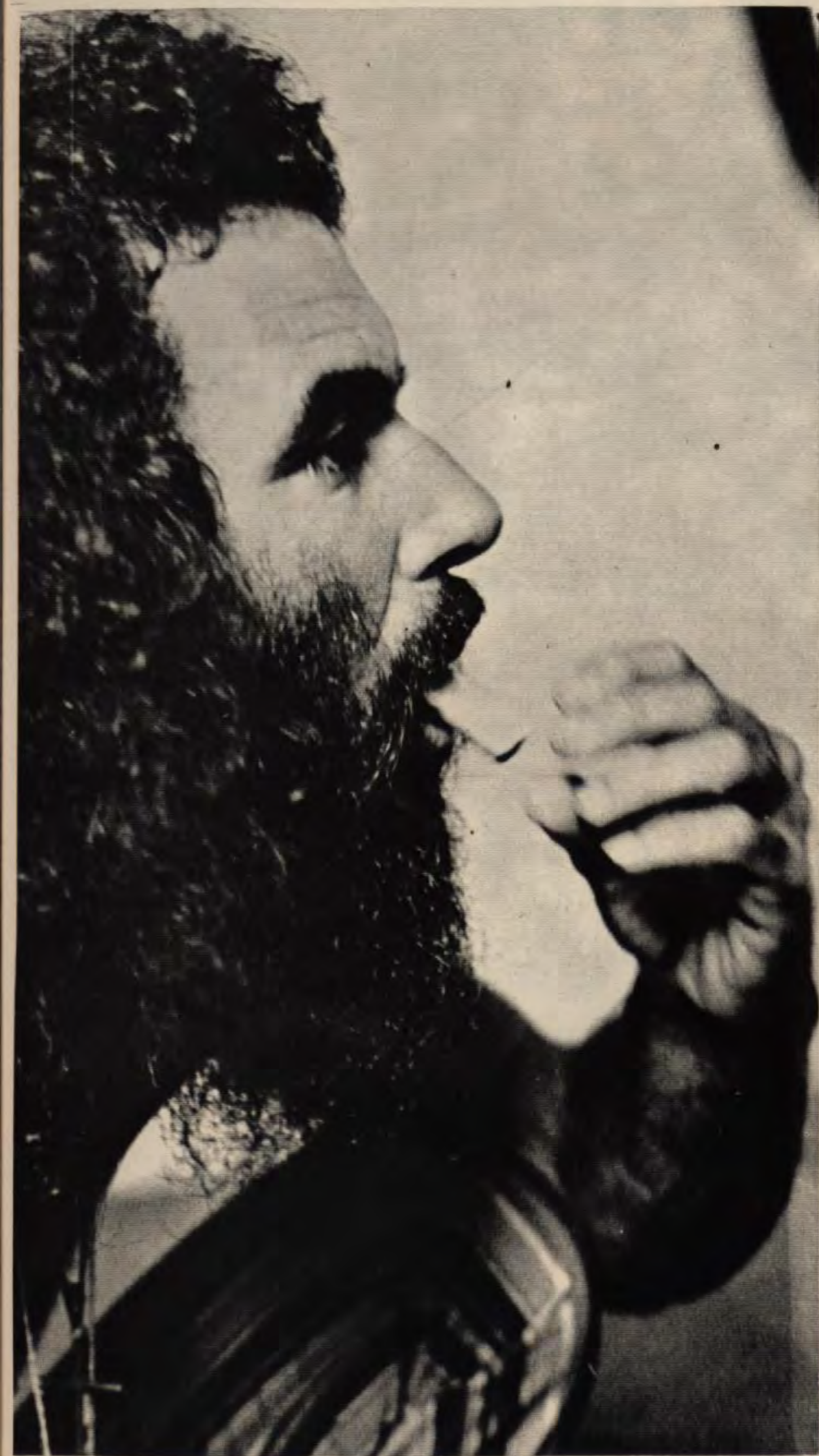
Certa vez acampeei em Itatiaia, e um camponês me perguntou: Como vai o presidente Castelo Branco? Mas no Nordeste a realidade é outra. Todo mundo sabe que o atual presidente é Medici, porque a propaganda de nacionalismo é muito grande. Agora, uma série de valores que você tem aqui, lá eles desconhecem inteiramente e se você quiser transar com eles não vai haver condição nunca.

No Norte cabelo e barba grande não assustam tanto quanto em Copacabana porque as pessoas já estão acostumadas com isso.

Quando eu ia passando por uma cidade (Colégio) em cima de um Caminhão com um capacete preto e de brincadeira fiz um sinal e surpre-



"A GENTE PASSOU POR UM PERÍODO DE SONHO,
PASSOU MUITO TEMPO SONHANDO MESMO SABENDO
QUE ESTE SONHO ESTAVA MEIO BARATINADO"



endeu-me ver várias pessoas se ajoelhando e se benzendo. Aliás, Sto. Antônio de Colégio é uma cidade onde passa muito ônibus, mas desde 1940 as janelas estão emparedadas porque as pessoas tinham medo dos caminhões e ônibus e se trancavam em casa.

ESTRADA

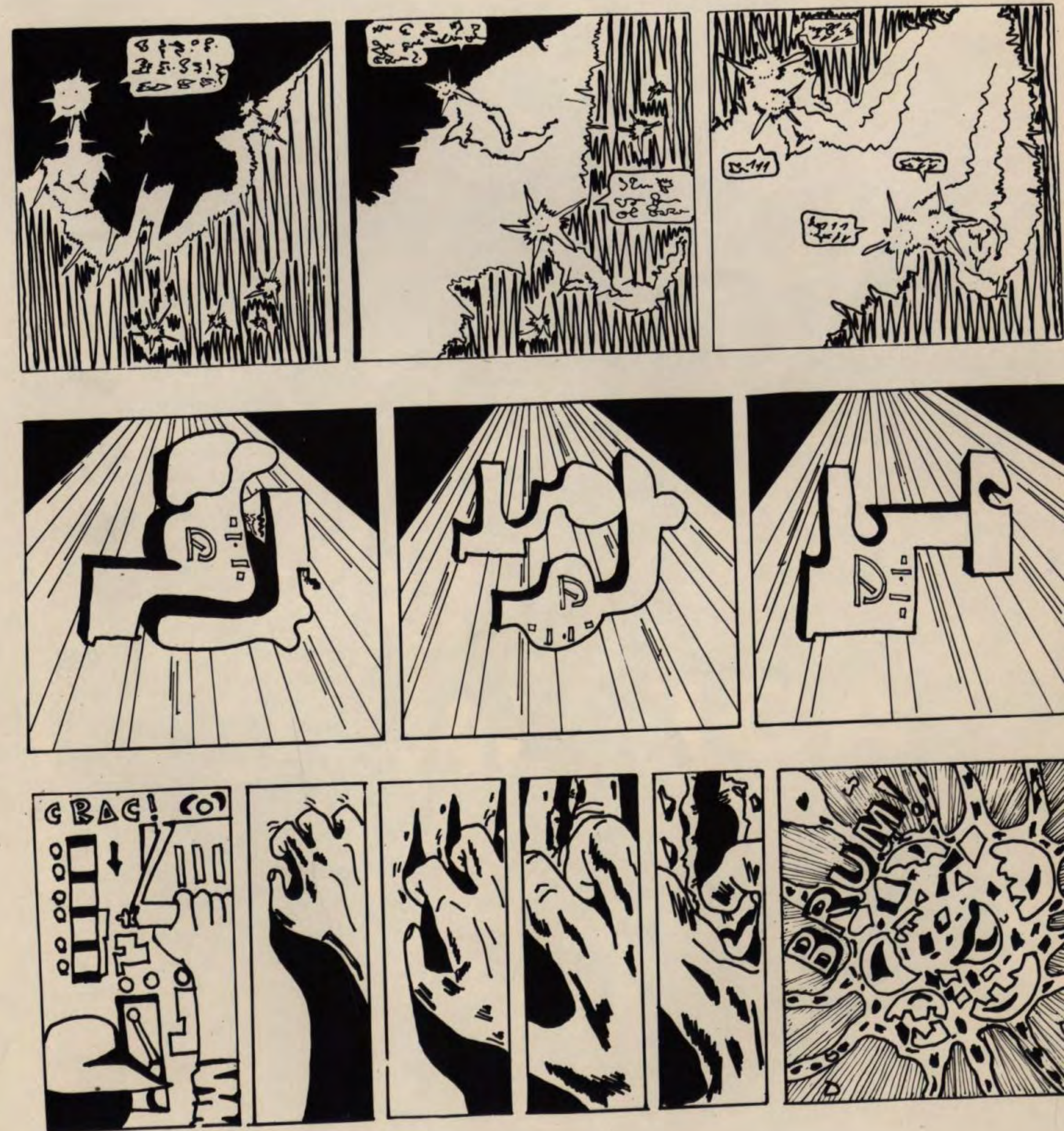
A viagem em si é uma coisa maravilhosa. Sai daqui, pega uma carona fica na estrada mesmo tendo dinheiro pra passagem. Vou de carona porque passo a conhecer uma série de coisas, tranco muito. A estrada é um lugar onde você não tem amigos, tem de partir disso. Você vai viajar, é emocionante, mas você pode passar por um caminhão e o cara jogar o caminhão em cima. As vezes você ve tanto agressividade na cara das pessoas que sente medo de morrer na estrada. A solidão é companheira. Eu procuro sempre viajar com uma garota que é para garantir carona mais fácil, as mulheres que me desculpem. É muito mais fácil para os dois porque o homem também é uma proteção para ela.

Você conhece muita gente na estrada e ve que está todo mundo perdido, buscando na estrada uma saída. A estrada é uma saída, só que depois você tem que encontrar a saída da saída, que é o retorno. A gente na estrada é tomado por uma grande alegria.

Uma das coisas mais fascinantes é quando você passa pelas pessoas e acena com a mão. É uma coisa que não tem medida, a sua mão cresce naquele aceno e você abraça a pessoa. É como no mar quando um barco cruza com outro, estamos todos no mesmo barco.

Na estrada é muito comum você ser chamado de viado ou "Batuta", "vai trabalhar vagabundo". Mas eu viajei com um chofer muito legal (motorista de estrada quase todos são viciados em bola, pois tem que entregar a encomenda no prazo certo. O patrão tá lá: É uma vida dura e ganham pouco). De noite é perigoso viajar sozinho, e mulher sozinha tem de abaixar as calcinhas mesmo. O cara pega, leva pro matinho e traça

AS TRES DIMENSÕES DE UMA VIAGEM gisa



Alice viu que a porta se abria para um corredor muito pequeno, não muito maior do que uma toca de ratos. Ajoelhando-se no chão, olhou e viu ao fundo da passagem, o mais extraordinário jardim de sua vida. Adoraria sair daquele salão tão solene e passear entre os canteiros de flôres e os repuxos, mas não conseguia sequer enfiar a cabeça pela estreita abertura.



TEORIA ECONÔMICA DA PERMANÊNCIA



Este notável ensaio, do autor que cunhou a expressão Tecnologia Intermediária, foi um dos trabalhos apresentados no seminário "A Relevância de Gandhi em Nossa Época", realizado em Nova Delhi em 1971. Dr. Schumacher é um daqueles poucos economistas modernos que têm ultimamente insistido na importância dos critérios morais na consecussão de objetivos econômicos. Para nós que temos geralmente um conhecimento de segunda mão das teorias econômicas elaboradas nas últimas décadas nos países industrializados, há um interesse todo especial em encarar as mais recentes correntes de idéias que vão brotando naqueles mesmos países, agora superdesenvolvidos.

SUPONHAMOS QUE OS TECNOCRATAS TENHAM RAZÃO

É por todos aceita como moderno artigo de fé a crença de que a melhor base para a paz seria a prosperidade universal. É verdade que estudando a História nenhuma prova encontramos de que os prósperos e ricos tenham sido sempre mais pacíficos que os pobres, mas pode-se contra-argumentar aí que num mundo onde havia ainda pobres, os ricos não podiam se sentir seguros. Sua agressividade brotava do medo e a situação seja bem diversa se todos fossem ricos. Porque irá um homem rico à guerra? Ele nada tem a ganhar. Os pobres teriam mais motivos porque só têm a perder os grilhões. O caminho para a paz, argumenta-se, passa pela estrada da riqueza.

Esta moderna crença universal tem uma atração quase irresistível, pois surge que quanto mais cedo alguém consegue uma coisa desejável, mais depressa conseguirá outras. A atração ainda é maior porque contorna-se aí

o problema ético: nada de renúncias ou sacrifícios. Ao contrário! Temos a ciência e a tecnologia que nos ajudam na via de paz e da abundância, sendo suficiente que evitemos comportamentos irracionais e emotivos que prejudiquem nossos próprios interesses. Assim, o recado para os pobres e descontentes, homens ou países (...) é que eles não devem, por favor, espantar ou matar a galinha que segura e inevitavelmente, porá ovos de ouro para eles também. E o recado para os ricos é que eles devem ser o bastante esclarecidos para de tempo em tempo ajudar os pobres, pois esta é a maneira de se ficar mais rico ainda.

Gandhi costumava comentar com desprezo as diversas ideologias que sonham com "futuros tão perfeitos que ninguém precisará ser bom". Mas não é exatamente este sonho que podemos agora tornar realidade com os maravilhosos poderes da ciência e da tecnologia? Para que exigir dos homens virtudes que talvez eles nunca consigam adquirir, quando nos bastam as ferramentas do racionalismo científico e da competência técnica?

Em vez de seguirmos Gandhi somos mais atraídos por um dos mais influentes economistas de nosso século, o grande Lord Keynes. Em 1930, em meio à recessão econômica mundial, ele leu alguns pensamentos sobre "as perspectivas econômicas de nossos netos" e chegou a conclusão de que não estava longe o dia em que todos seriam ricos. Talvez então, ele disse, "novamente daremos mais valor ao bom e não ao útil". "Mas cuidado" continuou, "o tempo ainda não chegou. Por mais uns cem anos temos de fingir que bem é mal e que mal é bem; pois o bem não é útil".

Isto foi escrito há quarenta anos, e nesse ~~interim~~ as coisas muito se aceleraram. Talvez nem tenhamos que es-



perar os sessenta anos restantes pela abastança universal. Em todo caso, a mensagem de Keynes é bem clara: Cuidado! Considerações éticas são não só irrelevantes como também atrapalham, "pois o bem não é útil". A hora da bondade ainda não chegou. O caminho para o céu está calçado de más intenções.

Quero agora examinar a seguinte proposição. Ela pode ser dividida em três partes:

Primeiro — que a prosperidade universal é possível;

Segundo — que é possível chegar a ela através da filosofia materialista: "sêde ricos";

Terceiro — que este é o caminho para a paz.

O meu exame deverá começar pela pergunta óbvia: há bastante para todos? Logo deparamos com um obstáculo: que é "bastante"? Quem pode nos dizer? Certamente não o economista que considera o "crescimento econômico" como sendo o mais elevado dos valores, e que portanto não possui o conceito de "bastante". Há sociedades pobres que têm pouco demais; mas há alguma sociedade rica que diga: Chega! temos o bastante? Não há nenhuma.

Tentemos outra direção, deixemos de lado o "bastante" e procuremos descobrir o que pode acontecer com as riquezas da terra no caso de todo o mundo esforçar-se por ter simplesmente "mais". Como é impossível estudar todos os recursos materiais, sugiro concentrar a atenção sobre um tipo de recurso que ocupa uma posição central — combustíveis. Mais prosperidade significa usar mais combustíveis — não há qualquer dúvida.

No mundo atual o fosso que separa ricos e pobres é muito largo e isso se reflete claramente nos respectivos

consumos de combustíveis. Definamos como "ricas" todas as populações de países que tenham um consumo médio anual per capita de combustíveis — em 1966 — maior que uma tonelada métrica de equivalente-carvão (e.c.), e como "pobres" as populações restantes, que se encontram abaixo deste limite.

TABELA I (1966)

População (em milhões) 3.344

Consumo de combustíveis (milhões de ton. de e.c.) 5.509

Consumo de combustíveis per capita (ton. de e.c.) 1.65

O consumo médio de combustíveis per capita dos "pobres" é só 0,32 toneladas — cerca de um quatorze avos do consumo do "ricos", e há muito mais "pobres" no mundo — por esta nossa definição sete décimos da população mundial. Se os "pobres" comessem, de repente, a usar tanto combustível como os "ricos", o consumo mundial triplicaria.

Mas isto não vai acontecer de repente, pois tudo leva tempo. E ao longo do tempo, tanto os "ricos" como os "pobres" serão mais numerosos, e seus desejos também. Façamos pois um cálculo exploratório. Se a população "rica" crescer a razão de 1.1/4 ao ano e a população "pobre" a 2.1/2, a população mundial será de 6.900 milhões no ano 2.000 — aliás um valor semelhante aos que figuram na maioria das previsões. Se ao mesmo tempo o consumo de combustíveis "per capita" das populações "ricas" crescer a 2.1/4 ao ano e o das populações "pobres" a 4.1/2, teremos o seguinte resultado no ano 2.000:



TABELA II (Ano 2.000)

População (em milhões)	6.905
Consumo de combustível	23.140
Consumo de combustíveis per capita	3.35

Estes cálculos iniciais já dão margem a vários comentários. Um deles: mesmo após mais de 30 anos de crescimento rápido o consumo de combustíveis dos "pobres" ainda estaria em níveis de pobreza.

De um acréscimo total de 17.630 milhões de toneladas de e.c. no consumo mundial (um acréscimo de 5.509 milhões de toneladas em 1966 para 23.140 milhões em 2.000), os "ricos" ficariam com 10.800 milhões de toneladas e os "pobres" com somente 6.800 milhões de toneladas, apesar dos "pobres" serem então três vezes mais numerosos que os "ricos".

Mais importante ainda: é plausível admitir-se que o consumo mundial de combustíveis pode crescer até um valor de 23.000 milhões de toneladas de e.c. por ano, lá pelo ano 2.000? Caso isto ocorra significa, para os 34 anos que medeiam entre as duas tabelas, um consumo global acumulado de 400.000 milhões de toneladas de e.c. Pelo que sabemos hoje sobre os limites das reservas disponíveis de combustíveis fósseis este número soa absurdo, mesmo na hipótese de que um quarto ou um terço do consumo mundial proviesse de combustíveis nucleares.

Fica pois claro que os "ricos" estão em pleno processo de esgotar as disponibilidades mundiais, finitas e limitadas, de combustíveis de obtenção simples e barata. É o crescimento econômico contínuo dos "ricos" que produz uma demanda cada vez mais aguda, o que pode

ter o resultado de tornar os combustíveis baratos e simples de hoje em caros e escassos amanhã, antes que os países pobres tenham adquirido a riqueza, a educação, a sofisticação industrial e o poder resultante da acumulação de capital necessários para a exploração da energia nuclear em uma escala significativa.

É certo que um cálculo exploratório não prova uma tese. De qualquer forma uma prova decisiva sobre acontecimentos futuros é coisa impossível, e alguém já disse muito vagamente que deve-se desconfiar de todas as previsões, principalmente das que, se referem ao futuro. O que é necessário é capacidade de julgamento, e tais cálculos exploratórios podem ao menos reforçar esta capacidade. De qualquer forma, nossos cálculos até subestimam a gravidade do problema num determinado aspecto. Não é realista o mundo como se fosse uma unidade. As reservas de combustíveis se distribuem muito desigualmente, e à menor escassez de suprimento o mundo se veria dividido em "os que têm". As áreas favorecidas, como o Oriente Médio e a África do Norte, seriam objetos de atenção e inveja em escala hoje inimaginável, enquanto áreas de intenso consumo como o Japão e a Europa Ocidental se veriam deslocadas e posições extremamente delicadas. Temos aí uma fonte de conflitos capaz de fazer parecer pequenos os que já experimentamos até hoje.

Como nada pode ser provado, tratando-se do futuro — nem mesmo um futuro relativamente próximo de trinta anos — é sempre possível relevar os problemas os mais ameaçadores com o argumento de que alguma coisa de bom acontecerá a tempo. Podiam ser descobertas novas e gigantescas reservas de petróleo, gás natural ou mesmo carvão. E porque cobriria a energia nuclear só um terço ou um quarto da demanda total? Mas estas alternativas só fariam deslocar o problema para outro plano, não solucionariam. Pois um consumo de combustíveis na escala que calculamos — suponho que o abastecimento não oferecesse maiores dificuldades — produziria ameaças



ambientais sem precedentes

Por exemplo, a energia nuclear. Alguns estudiosos afirmam que as reservas mundiais de urânio de boa concentração são insuficientes para o desenvolvimento de programas energéticos nucleares realmente grandes — grandes o bastante para que tenham impacto significativo em uma conjuntura mundial de combustíveis, onde se enfrentará um consumo, não de meros milhões, mas de milhares de milhões de toneladas de equivalente-carvão. Mas suponhamos que estas pessoas estejam erradas. Que se descubra bastante urânio; êle será minerado nos mais remotos recantos da terra, trazidos aos principais centros populacionais e processado em material altamente radioativo. É difícil imaginar uma ameaça biológica maior, para não mencionar o perigo político de que alguém poderia usar uma pequena fração deste material para fins nada pacíficos.

Se por outro lado fossem descobertas novas e fantásticamente enormes reservas de combustíveis fósseis, não sendo mais necessário exagerar o quinhão da energia nuclear, enfrentaríamos então o problema da poluição atmosférica, em uma escala totalmente diversa da que conhecemos hoje.

Seja qual for o combustível, um aumento de quatro, cinco, seis vezes em seu consumo cria um problema insolúvel de poluição.

Tomei os combustíveis meramente como exemplo para ilustrar uma tese muito simples: O crescimento econômico contínuo, que do ponto de vista da Economia, Física, Química, Teconologia não tem limites, causará engarrafamentos decisivos do ponto de vista das ciências ambientais. Uma filosofia de vida que procura o sentimento de realização na idéia fixa da procura da riqueza — em suma, materialismo — não combina com nosso mundo, porque ela não contém em si nenhum princípio limitati-

vo, ao passo que se aplica a um ambiente que tem suas estritas limitações. Já agora a natureza está tentando nos comunicar que as tensões estão se tornando excessivas. A medida que um problema começa a ser "resolvido", dez novos aparecem como resultado da "solução" inicial. Como os novos problemas não são consequências de algum fracasso e sim de sucessos tecnológicos.

Muitas pessoas insistiam em debater este assunto em termos de otimismo e pessimismo, orgulhando-se de sua fé otimista de que "a ciência encontrará uma saída". Talvez chegassem a ter razão se houvesse uma mudança básica e consciente nas direções do esforço científico. A evolução da ciência e da tecnologia nos últimos cem anos deu-se de maneira que os perigos multiplicaram-se ainda mais rapidamente do que os benefícios. Sobre isto ainda me estenderei adiante.

Já há provas de que o grande sistema auto-regulado da Natureza vem se desequilibrando em certos aspectos e em determinados lugares. Daqui a uma ou duas décadas todo o sistema de água doce nos Estados Unidos poderia estar na mesma situação que o lago Erie hoje. Em outras palavras, a condição de desequilíbrio não se limitará a determinados lugares, ela pode se generalizar. Quanto mais a situação se deteriorar mais difícil será reverter o processo, se é que já não ultrapassamos o ponto de reversão.

Vemos portanto que a idéia de crescimento econômico sem limites, de mais e mais desenvolvimento até que todos os homens estejam saturados de riqueza, tem de ser seriamente questionada em pelo menos dois aspectos: a disponibilidade de recursos naturais e, alternativamente ou adicionalmente, a capacidade do ambiente de suportar o grau de interferência que aquela idéia implica. Isto, quanto aos aspectos físico-materiais da questão. Em continuação examinaremos certos aspectos não-materiais.

A PALAVRA

valdo felinto

A palavra é a máquina do tempo. Em seu espaço pequeno, nem ao menos cabe o corpo do astronauta. Sua consciência (apenas) viaja prisioneira entre imagens de mundos.

Agora eu escrevo isto, e agora você lê. Em degraus diferentes da torre de babel estabelecemos o contato imaginário, no espaço e no tempo de nossas próprias memórias. Preocupo-me com a forma ou seja, com a embalagem do novo produto, o qual espero, pelo menos, não comece a ser comido pelo rótulo, o que tiraria em muito o sabor.

Quando eu tinha quatro anos de idade, meu pai levou-me a ver uma onça preta, que num salto selvagem cruzou minha mente neste instante em que escrevo, entre as moitas e parágrafos de nossa coerência neste escrito. Além do que, levantei-me e cocei-me algumas vezes também, e levei espaços de tempo distintos em cada frase ou pensamento.

A realidade não é o que pensamos e sim o que somos e o que é no instante mesmo em que estamos pensando, ou em qualquer outro instante. Quando não pensamos a realidade também é. O pensamento é o irmão da linguagem e ambos são apenas representações ou modelos, cujo conteúdo é sempre uma ma-

nifestação de natureza complexa em contínua transformação. Somos o conteúdo final de tudo que equacionamos, como "criadores" que somos das linguagens. Como diríamos num egípcio claro dos velhos tempos: tudo o que está dentro está fora. Em outras palavras: tudo o que está por dentro está por fora, num bom português atual.

Preciso chegar a um acordo, em cada novo parágrafo. Se falo da realidade com coerência, ou se uso da fala e da incoerência para cansar ou tentar cansar a parte fala-falha de nossa percepção de mundo. O ideal seria, penso eu, fazermos desta comunhão distante um silencioso brinquedo, sob a forma de proposições sensoriais. Para que não seja unilateral envie para o endereço postal da redação, roteiros de sua própria autoria, incitando-nos também assim ao exercício saudável da atenção ao que é, em suas múltiplas manifestações. (Podemos inclusive instituir um concurso de observações mais agudas, numa reedição erudita dos quebra-cabeças Maizena).

E temos uma tal confiança em Deus por Cristo; não que sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus; o qual é também o que nos fez idôneos ministros do Novo

Testamento; não pela letra, mas pelo espírito; porque a letra mata, e o espírito vivifica.

Por uma questão de pudor profissional, demoro-me como que à busca de um melhor acabamento. Estou condicionado a afirmação de que (segundo o editor) um bom artigo não se escreve em menos de três dias. E, dentre os mortos dos três últimos dias o Cristo em mim se rebela e ressuscita para a glória do senhor nosso Deus. Agora. Vivo. Em minutos.

Tomamos comumente a palavra pelo seu significado. Ou o conceito pela realidade sobre a qual ele foi elaborado. Assim, nos ocupamos durante o que seria um ato de compreensão, com apenas parte de totalidades de canais de que dispomos para perceber a realidade em processo. A consciência presa à área intelectual, significa uma não presença sensorial da totalidade do ser, através das quais no entanto nos chega a totalidade de perceber, o qual, é em si mesmo, sempre criativo, dada a constante transformação da realidade. Ou seja

Nosso coração sangra, a cada instante, em nossas veias a nossa vida. De ontem para hoje, urinei muitas impurezas. A pele que eu amei no mês passado mudou de células; somos um novo ser a cada instante. Mesmo que eu queira não cai-

E temos uma tal confiança em Deus por Cristo; não que sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus; o qual é também o que nos fez idôneos ministros do novo testamento; não pela letra, mas pelo espírito; porque a letra mata, e o espírito vivifica.

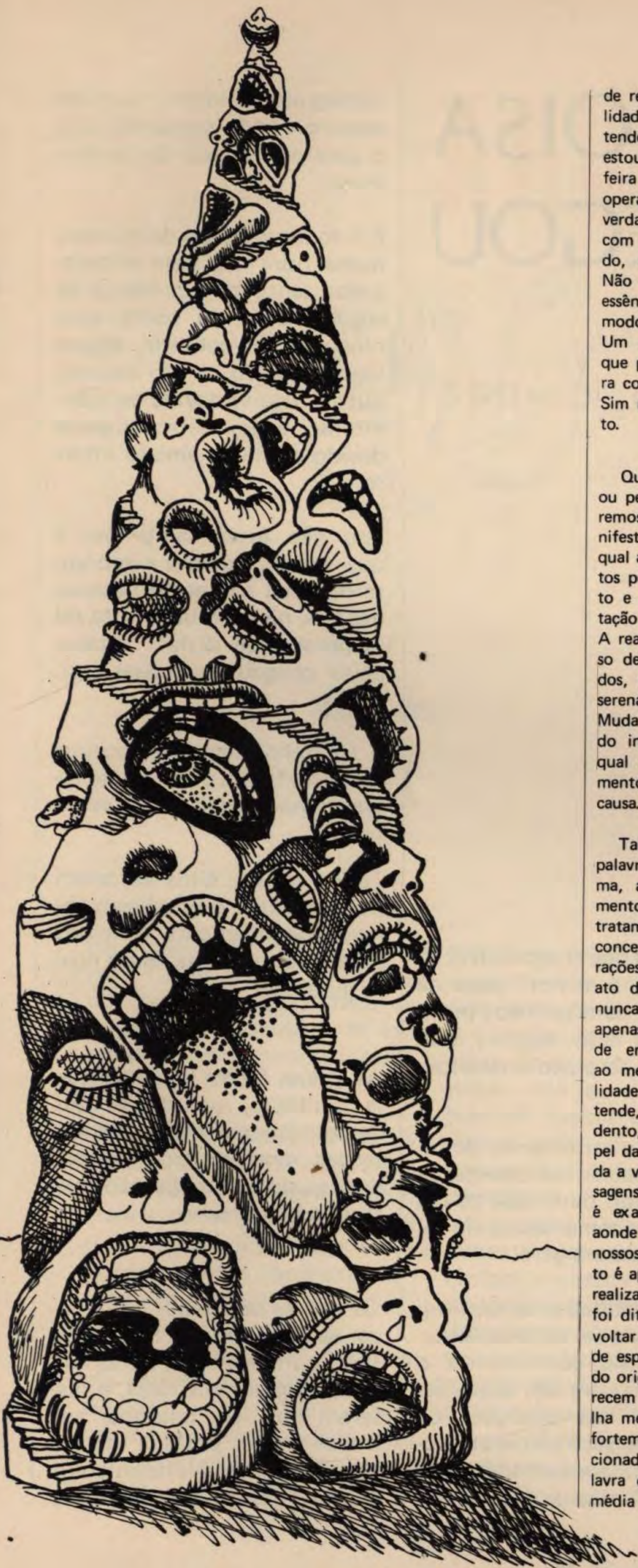
(2ª epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 3 versículos 4 - 5 - 6).

bo mais no ventre de minha mãe.

Ora, para uma pele nova um abraço novo. Para uma palavra velha (afeto) um significado novo: nós próprios. Bom-dia para todos vocês!

A mente humana é como aquela miraculosa máquina de desenhos animados, em que se põe uma vaca por uma abertura e pela outra saem automaticamente os enlatados. Sua natureza é o condicionamento. Através da repetição geramos reflexos ou memórias. E se não somos capazes de observar o processamento de todas estas memórias em cada um de nossos atos mais simples, estamos nos arriscando a nos tornarmos um mero servomecanismo de influências externas, ou de nosso próprio passado. E, mais ainda, se somos condicionados, como é o caso da cultura em que vivemos, a dar importância apenas à área intelectual, pois esta nos fornece um modelo completo de universo segundo à fantasia de nosso maior agrado. Estamos impedidos nesta hipnose, da revigorante apreensão sensorial do instante. Troca-se portanto a vivência real do prazer, pelo prazer da satisfação do conceito de prazer, a satisfação do intelecto e da memória.

Quando dizemos intelecto, não estamos dizendo intensa atividade cultural, e sim qualquer atividade conceitual ou



de representação sôbre a realidade. Tais como: estou entendendo, fulano é isto, não estou entendendo, segunda-feira é um dia chato. Quando operamos com esta área, em verdade estamos operando com uma visão dual de mundo, em conflito constante. Não que este conflito seja a essência da realidade e sim o modo pelo qual a olhamos. Um modo ou representação que pela sua própria estrutura compara aspectos opostos. Sim não bom mau feio bonito.

Quando dizemos intuição, ou percebimento direto, queremos dizer um nível ou manifestação de consciência, no qual a manifestação dos opostos perde o caráter de conflito e passa a ser complementação harmoniosa e necessária. A realidade em si mesma, caso dela nos julgemos isolados, permanece inalterada e serena em seu curso natural. Muda no entanto na natureza do indivíduo aquilo para o qual se usa a palavra sofrimento ou aquilo que lhe dava causa.

Talvez surja quando lemos palavras ordenadas desta forma, a sensação de entendimento do que estas palavras tratam, mas aqui sua mente, concentrada em todas as operações já agora automáticas do ato de ler, das quais quase nunca estamos conscientes, é apenas iludida nesta sensação de entendimento, enquanto ao mesmo tempo, desta realidade que seu intelecto entende, sobe ao seu nariz sedento, apenas o cheiro do papel da página que não tem nada a ver com o aroma das paisagens descritas. E a realidade é exatamente agora e aqui aonde estamos, para todos os nossos sentidos. Entender isto é apenas entender, e não a realização do conteúdo do que foi dito. Para isto precisamos voltar a ser crianças ou pobres de espírito ou livres do pecado original ou qualquer nome recém lançado para esta velha mercadoria. Nossa mente fortemente educada (condicionada) na tecnologia da palavra desde os seis anos em média precisa de um esforço

gradual para a reconquista do éden.

E o caminho não é através novos livros ou conceitos, êstes apenas nos apontam o caminho: a observação pura, a prática da atenção em todas as nossas atividades, e através disto o desenvolvimento natural da intuição e capacidade de compreensão produzindo um profundo e harmonioso relacionamento com a realidade e com as diversas capacidades de nossa mente instrumentos valiosos na realização de nossas vidas.

A recomendação do Cristo: orai e vigiai, através do que compreenderemos a natureza real do amor e cumprimos seu maior mandamento aman do a Deus e ao próximo, o ser e a semelhança.

Quando falamos intelecto, não estamos dizendo somente intensa atividade cultural, e sim qualquer atividade conceitual ou de representação sôbre a realidade. Tais como os que se processam no ato da leitura.

Os pensamentos brotam em minha mente como, suponho eu, numa sessão de psicodiatlografia, ou como língua de petencostes e sirvo de meio medium canal, para o fluxo deste acêrvo comum que são as palavras e os impulsos psíquicos que suas diversas organizações numa estrutura linear nos provocam. Deus em sua onipresença decerto também me abençoa agora, e decerto agora adquire o seu significado próprio no coração de cada um, o conceito Deus. Deus no entanto, aquilo a que os que experimentaram sob a forma de paz profunda e amor chamaram com a palavra Deus, reside segundo aqueles mesmos em nosso interior e em nós se manifesta caso fazemos por onde. Se ao menos o papel da revista fôsse colorido, melhor compreenderiam os nossos olhos. Que mágica a destes pequenos Seres estáticos sôbre a Fôlha de papel para nos fazer sonhando abandonarmos a pátria de nossos pés pulmões e cotovelos.

ALGUMA COISA CHEGOU

PAULO GIMENEZ

O homem que chegou atrás da porta sem a menor "papa na língua" e com as mãos prontas para a ação, deixou todo o mundo perplexo e desesperado.

O imediato sentimento de indagação pairou na cabeça de cada mortal, tanto que no dia seguinte os comentários em todo o mundo era geral.

As nacionalidades se confundiram e via-se naturalmente, um esquimó comentando o acontecido com um australiano numa rua qualquer de qualquer lugar. Parecia até política de boa vizinhança, mas era não. A cara do fulano não

conseguiu ser vista e isto desesperava todo o mundo, pois o cara era dotado de onipresença.

Em todas as portas do mundo, numa hora não bem notada, todos sentiram a presença de alguém atrás da porta, mas ninguém foi conferir, alguns lugares devido ao frio intenso, outros lugares devido ao calor intenso e em outros lugares devido ao clima ameno intenso.

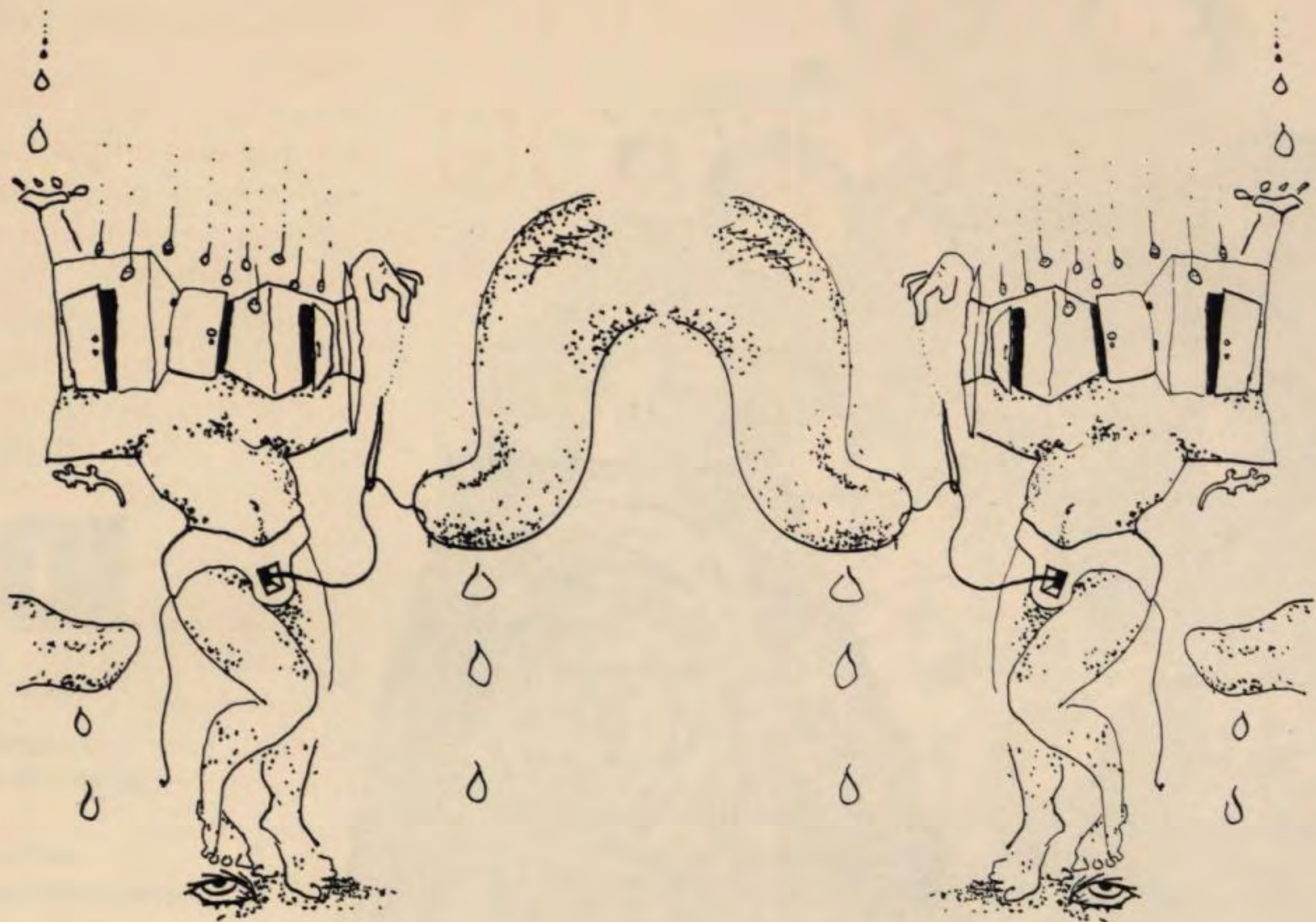
Isso não interessa, o fato é que no dia seguinte a imprensa mundial não podia noticiar nada, a não ser uma nota de suspense que dizia: "alguma coisa chegou às nossas portas".

E só tinha manchete, porque ninguém teve a coragem de escrever mais nada sobre o acontecido.

Todos os exércitos entraram em prontidão e os oficiais foram imediatamente dirigidos para os pontos chaves do nosso globinho.

As igrejas foram invadidas pela multidão, que diante dos desconhecidos ficaram desorientadas, tentando tirar dos padres qualquer explicação que fosse do fenômeno.

Os padres sem saber o que fazer se dirigiram aos fiéis e não fiéis, porque nessas horas não se distingue mais nada, e disseram que iam telefonar aos bispos e estes por sua vez aos seus superiores hierárquicos e etc. e tal e o negócio terminou



nas mãos dos dois homens mais fortes e mais poderosos do mundo; que também se sentiram completamente impotentes para transmitir qualquer coisa.

O caos se generalizou e apenas os animais ditos irracionais continuaram equilibrados. Havia pessoas já preconizando o fim do mundo e outras rindo dessas, mas também morrendo de medo.

Mil filosofias foram criadas e mil aparelhos científicos inventados na hora para se perceber e se explicar o desconhecido acontecimento. As pessoas não eram mais capazes de

trabalhar mas mesmo assim queriam criar dentro daquele caos uma perfeita hierarquia e notava-se que os postos mais altos não estavam sendo disputados. Até os dois maiores queriam descer dos seus pedestais criados de merda e sangue para se tornarem menos pecadores no meio dos outros mortais. Os cargos importantes foram sendo ocupados obrigatoriamente pelos bichos e quem foi eleito por unanimidade foi uma lagartixa. Os outros animais acharam uma tremenda traição por parte desta espécie, mas acabaram aceitando os infelizes que a tinham posto no poder. A lagartixa sem saber o que fazer, e sen-

tada num enorme trono de ouro fez um discurso estranhíssimo numa língua mais estranha ainda e depois desceu pelo pé do trono e se escondeu para todo o sempre.

Lógicamente, achou absurda a situação! Sem reis e sem leis, os homens em vez de ficarem felizes, pelo contrário caíram na maior tristeza observada nos últimos tempos. Não se tinha a menor pista de quem era o cara que tinha atormentado a vida dos homens e o pior é que o cara também não viu ninguém, e só porque não tinha papas na língua e as mãos prontas para a ação foi motivo de pronta tragédia.

PIPOCAS

é um jornal
que a gente tá fazendo
pra todas as pessoas
que ainda estão a fim
de brincar

OLHA AI!
TÃ NAS BANCAS.

Jornal Infantil Quinzenal